



0

ALABAMA



1871



G. H. B.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 71.^a

QUARTILHEIRA DE JANEIRO

N. 757.

Publica-se na typographia de
des e C., becco do Arcebispo,
Collegio, 17.

ASSIGNATURAS: — 5 rs. por serie de 10 numeros;
— 10 rs. por seis seules; folha avulsa 160 rs.
— Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*,
3 de janeiro de 1871.

Não houve expediente.

— Depois que as irmans de charidade tomaram conta do hospital da Misericordia, tornou-se elle bem falto de charidade.

— Contraste inexplicavel!

— Os preceitos de charidade e amor do proximo foram banidos daquelle estabelecimento pio e humanitario.

Não ha compaixão para quem soffre, nem linitivo para quem geme.

A desgraça, nenhuma commiseracão infunde, as dores de um ente humano nenhuma piedade commovem.

Deixam criminosamente morrer os doentes ao desamparo e falta de trato.

— Faz horror!...

— Os factos se encarregam de provar a forza desta verdade.

Romão da Silva Pereira, na noite de 31 de dezembro, descendo as escadas do 2.^o andar de um sobrado, ás Portas do Carmo, rolou os degraus até o ultimo.

Apanhado, em estado de stertor, vertendo grande quantidade de sangue pela bocca, na riz e ouvidos, é levado para o hospital da Misericordia, e ahi estendido em uma cama, onde ficou abandonado até o outro dia!...

— Passa de deshumanidade!

— A's 9 horas da manhã, não tendo ainda fallado, foi levado em uma marquezia para sua casa, sem que no hospital lhe tivessem feito o mais simples curativo, ou lhe ministrado o mais leve medicamento...

Entretanto dous facultativos que viram o homem, disseram que si elle na occasião é socorrido, não morreria!

— Onde está então a charidade das irmans de charidade, si podendo salvar um homem deixam-no morrer ao desamparo?!

Acontece uma desgraça, corre-se para onde se pode encontrar mais prompto e efficaz soc-

corro, e ali por incuria e desmazelo deixa-se, que o mal torne-se irremediavel e perca-se a vida de uma creatural

— É um assassinato em nome da charidade!

— Para que então esse inculcado espirito de beneficencia? Para que essa despeza inutil com um medico interno, si elle não serve para acudir áquelles que em situações graves precisam de seus soccorros?

— Não pesará na consciencia das irmans de charidade a culpa de deixarem perecer um homem, cuja vida podia ser poupada com uma ou duas sangrias e com algumas onças de agua sedativa applicada á tempo?

— Capitão, ha muita cousa por ahi.

— Quem não sabe disso é tolo.

— Pois não foi encontrado um homem-bicho?

— Vá se d'ahi! Ainda si fosse algum bicho-homem eu lhe acreditava.

— V. Ex. duvida do que se diz.

— Si V. sabe-se com cada péta!

— Estou fallando serio. Uns rapazes que andavam passerando pelos mattos, encontraram adiante do Matatú, em um escondrijo, um individuo em perfeito estado selvagem, um animal sem tirar nem pôr. Cabellos compridos até os hombros e desgrenhados, unhas crescidas, semblante apatetado, em completo estado de idiotismo.

Os sujeitos forçaram o tal misanthropo a sahir da sua solidão e o obrigaram a acompanhá-los até as Pitangueiras, onde sendo reconhecido por um dos alienados que as irmans de charidade enxotaram para fora do hospital, o deixaram, e não indagaram o destino que tomou.

— Provavelmente voltou para o lugar de onde o trouxeram.

— Quanto a mim esse homem em sua exquisita mania fugindo ao ruido do mundo de- nota mais juizo do que muitos.

— Já enfastia registrar absurdos desta gente de farda que anda vigiando a cidade.

Parece inacreditavel que soldados de policia tivessem o arrojo de entrar por uma casa, cujos pacificos habitantes não contavam com semelhante visita, dessem pancadas, quebrassem trastes e fizessem mil desatinos.

—Só doudos dão para tanto.

—Pois assim foi.

Na noite de 1 de janeiro Antonio Francisco da Cunha conduzia um preso, o qual ao dobrar á esquina do Bangala fez uma perueta e largou-se.

O soldado, attonito, não achando em quem pegar, ao passar pela casa do Sr. João Cosme, viu á janella uma pessoa, que em sua imaginação atarantada lhe pareceu o fugitivo.

—Ora que contra-senso!

Pois quem foge das unhas da policia vae se pôr em uma janella para ser visto por ella!

—Sem mais razões o soldado invade a casa e vae lavrando o homem de pancada e estragando o que encontra na frente!

Esmigalhou com o refe um oratorio que estava na sala com imagens.

—Eim! que engano endiabrado!

—E não sei até onde levaria tão tresloucado despropósito, si por uma providencia o subdelegado não tem noticia do facto e apparece no lugar do conflicto.

—Este fim de anno foi horrivel de acontecimentos tristes.

—Historias!

O perigo acompanha sempre a creatura.

—Porem ha cousas que parecem agouro. Só no dia 31 duas quedas fatalissimas!

—Alem do infeliz Romão, houve outra?

—O allemão Nelson, morador ás Pedreiras.

Esteve no Alcazar e d'ahi sahio um tanto enalorado.

Tendo necessidade de se refrigerar recostou-se ao peitoril de uma janella de sua casa. De madrugada, quando o homem do gaz foi apagar o lampeão, viu que havia um vulto estendido na calçada. Chamando gente, reconheceu-se que era o cadaver d'aquelle que horas antes divertia-se, sem ao menos lhe passar pela ideia a lembrança da morte!

—Com certeza pode-se dizer que esta cidade amanheceu no dia 1º de janeiro do anno da graça de 1871, figurando um vasto cartaz de hediondas torpezas, collocado ante as vistas publicas.

—Olá!

—Em cada parede havia para ler uma allusão obscena, via-se em toda sua aspereza uma pintura extravagante e indecente, havia estampado um rifão grosseiro e libidinoso.

As familias ao chegar as janellas, para

qualquer lado que volvessem os olhos, eram obrigadas a craval-os n'aquelles infames paneis allegoricos do que ha de mais abjecto, erapuloso, e concupiscente.

As ruas da cidade eram uma volumosa caderneta, aberta aos olhos da decencia publica, contendo em todas as paginas o mesmo syllabario de termos dissolutos e depravados.

—E a malta desses agentes da immoralidade, tiveram tempo para á seu salvo realizarem tão desenvolta propaganda!

—E porque forma!

Aturdindo com gritos descompassados perturbadores o silencio publico, no meio duma mais estrepitosa e desenfreada assuada, ultrajando a castidade com phrazes que só na possibilidade é dado articular.

—A subversão de costumes não pode ascender a mais elevada escala, a falta de vigilancia e energia policial não pode ser mais patente.

—Esses quadros de impurezas, esses letreiros lubricos são a photographia pura e descarnada do espirito da epocha; a corrupção que lavra, o desacato ás instituições, o desprezo do preceito—não fazei aquillo que não queres que te façam—todos os laços do equilibrio social despedaçados, o principio de respeito a authoridade menosprezado, o deleixo e a inepecia d'aquelles que deveriam velar pela ordem publica, reprimir os excessos e conter as turbas.

—Porem V. que não veio ao mundo para reformal-o, deixe-o seguir como vae.

—Mas é bem condemnavel tanta indolencia policial!

Si não pode conter as turbas na sua desenfreada despedida ao anno de 1870, ao menos no dia de anno bom devia incumbir a seus numerosos agentes secretos de riscarem pi das paredes aquelle acervo de escandalos.

—Ora não se falle dos soldados de policia!

—Como si elles commettessem tudo que ha de mau.

—Dizem que seria melhor deixar de má os soldados de policia, que o tempo que se gasta com elles era melhor occupar-se com abusos e escandalos praticados por entidades de classes mais elevadas.

Mas não se pode.

—E' até impossivel.

—Ora diga-me si isto é toleravel.

Falleceu um homem no becco das Morôas.

—Perto da repartição da policia.

—Algumas pessoas conhecidas do finado foram assistir ao cadaver e passaram a noite com resas.

E' um acto que a egreja approva, um dever de piedade christã para com o morto, e si as resas não levam a alma para o ceu, tambem não prejudicam.

— A fé é que salva.

— Pode-se allegar, é verdade, que o cantarelado encommoda o socego e eu concordo.

— Nesse caso cumpre a authoridade e seus agentes não consentir.

— Mas sabem o que fizeram praças de policia que estavam no Terreiro?

Resava-se o officio de Nossa Senhora; largaram-se d'onde estavam e foram para a porta do morto gargantear em algazarra a toada

— *Vem cá, Zebedeu, vem cá!*...

— E são elles os encarregados de fazer respeitar o silencio e manter a ordem!

— Ora, alem de ser um escarneo á religião, foi uma impiedade para com o morto e uma provocação aos vivos que ali estavam, uma zombaria as magoas de quem soffria.

— E dissesse-se alguma cousa para ver quanto reflexo fóra!

— Entretanto a policia da cidade consiste em uma sucia de soldados que se aboletam todas as noites em baixo das arvores do Terreiro e enquanto uns dormem outros fazem destas!

— O que é isso?

— E' a policia.

— A policia vem para accomodar a desordem; eu pergunto quem são os desordeiros.

— Os proprios soldados de policia, não lhe estou a dizer? Está este barulho entre elles aqui no Caminho Novo, ha mais de uma hora.

— Está certo!... tubarão quando não acha o que comer come a seus filhos.

— Mas que policiaes! benza-os Deus! principiam o anno assim espatifando-se uns aos outros!

— E esta scena de dia tem sua graça!

— O que ha por aqui?

— Um soldado de policia que queria decapar a cabeça de outro.

— Bravo! aqui nas immedições do quartel da Palma!

— O ferido foi recolhido ao hospital do corpo com uma grande brecha na cabeça.

— O anno não-encetou bem; hoje é o segundo dia e já tem havido tantas novidades!

— Olhe que muito esquentados andam esses agentes da força publica.

— Os guardas policiaes tornam-se dignos de elogio, pela maneira porque procedem. Na segunda-feira, no bond da companhia de

Vehiculos que sahido da cidade para o Bomfim, ás 5 horas e vinte minutos, iam dentro um sargento e um soldado de policia a pronunciar palavras obscenas, a provocar os passageiros e a desafial-os!

— Sr. commandante do corpo policial, que diz S. S. a isto?

— Segunda feira pelas oito horas da noite para os lados da rua do Bangala ouvia-se grande sassurro de vozes que bradavam: — pega ladrão! pega ladrão!

Acto continuo, descia pela ladeira do Gravatã, as carreiras, todo desmantelado, um guarda policial, levando o reflexo debaixo do braço e atraz d'elle corriam aquelles que gritavam.

— Seria a policia que perseguia os ladrões ou as ladrões que iam em busca do policia?

— Si o tal ladrão foi preso ou não e quem era elle, não pude saber.

A PEDIDO

— Capitão, ás ordens de V. Ex.

— O que quer?

— Pedir-lhe um favor.

— Diga pois não estou pronto para suas maçadas.

— Um emprego para um innocente de dezesseis annos, que anda jogando traques com uma velha e si ella não corre ficava estralada.

— Quantos annos tem ella?

— Onze para doze.

— E o tal innocente não é empregado nos typos?

— Qual! V. Ex. está muito atrazado; agora vive empregado em betar pombos dos outros; eu moro nos fundos da casa d'elle e minha familia não pode mais com as pedradas e os assovios e isso encommoda de mais. Meu compadre é que pode confirmar a verdade.

— Pois constou-me que o menino (homem) que V. falla é empregado nos typos e é bem procedido. Quem é o pae d'elle para melhor chegar a meu conhecimento?

— E' filho do Vambú, empregado e amigo dos doutores; alimpa as cadeiras para elles sentarem-se.

— Retire-se, pois não estou para atural-o.

— E' verdade, Sr. capitão, como a filha do italiano não é sua parenta nem de quem veio a este bordo lize encher os ouvidos de folha, por isso V. Ex. despede-me desta maneira.

— Mas irei me queixar ao Dr. chefe de policia contra essa innocencia do menino (homem caju) que pode ir aprender um officio

para não estar jogando pedras e quebrando os telhados dos vizinhos, pois, capitão, si essa menina fosse minha parenta eu estava na correção, para elle não entrar pela casa do italiano, o qual é homem casado e sua mulher padece do cerebro, e si fôr preciso eu me presto, afim de mostrar ao publico que tal é o menino (homem cajú de que trata o *Alabama* do dia 17 de dezembro) porque o homem dos typos não o poudo aturar e botou-o para fora por ser bem educado, innocente e tolinho, que joga traques em meninas.

Agora estou ás ordens de V. Ex. e vou falar com o meu compadre. pois elle onde mora faz *poeira*, afim de me dar algumas informações á respeito, visto elle morar perto.

Eu queixei-me a V. Ex. esperando que mandasse metter a cara deste sujeitinho na cloaca do navio, e adeus.

Ao Illm. Sr. subdelegado da frequencia de Sant'Anna,

Pedindo-lhe que empregue os meios a seu alcance, afim de conter um sapateiro de nome Eduardo, morador ac Castanheda, defronte de uma moça donzella, que vive em companhia de sua pobre mãe, e aquelle, abusando quando esta sahe de casa, põe-se nù, de maneira que seja visto pela moça; além dos termos immoraes por elle proferidos.

Espara-se providencia.

—O que fez aquelle homem ao *alferes Candido*?

—E' porque passando deu com os olhos na beldade azevichada.

—Ora que desáforo! E por isso sahe para a rua de mangas arregaçadas e insulta.

—Mas faz como um cão gozo, ladra e recua.

—E aquelle canalha é alferes mesmo?

—Si é cria, e ainda tem yaya, como pode ser alferes? Elle é que se inculca.

—Que moleque descarado!

—Passe pela Ordem 3.^a e indague quem é a yaya d'elle; apezar de que é desses moleques creados por mulher velha que é o que o faz ser tão insolente.

—Sahe uma pessoa de sua casa com o coração descansado e vem encontrar este precipicio! Expôr-se aos ataques de um moleque insolente pela ousadia que lhe dá uma velha aduca!

—Um escravo atrevido e coberto de vicios.

Um alquilé que vive em guerra declarada com as meretrizes, causando-lhe grande perda nos lucros.

— Si eu fosse o offendido a unica reção que lho dava era queixar-me ao subdelegado.

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artifices.

Tendo o conselho administrativo de solenizar o 38.^o anniversario da fundação d'esta sociedade, no dia 8 do corrente ás 10 horas da manhan, com missa solemne á sua Padroeira e sessão magna, convida aos Srs. socios a reunirem-se na sala das sessões, no mencionado dia e hora, afim de assistirem á esses actos; findos os quaes proceder-se-ha a eleição para os novos funcionarios, segundo dispõe o art. 35 dos estatutos. Bahia 2 de janeiro de 1871.—O 1.^o secretario, *Joaquim Cassiano Hyppolito*.

105000 rs. de gratificação!

Fugiu da abaixo assignada, no dia 30 de dezembro, sua escrava de nome Francisca cabra, idade de 30 annos, com os signaes seguintes: um talho no olho direito, desdentada, altura regular; foi vestida com uma saia de *yaga de prata*, camiza de madrasto e panno da Costa azul. Quem a vir e quizer trazer abaixo assignada, em sua casa á ladeira de S. Miguel, sobrado n. será gratificada com a quantia de 105000 rs.—*Anna Joaquina de Santa Anna*.

—O' lá, rapazeada! Então vão para Itapagipe tomar seu regabofe?

—Não resta duvida.

—Pois não se esqueçam de ir ao botequim do divertido e engraçado Christovão, ex-carreiro do correio.

—O que tem elle lá para obsequiar a gente?

—Finissimos vinhos, cerveja, cigarros dos melhores fabricantes, charutos, etc., etc.

—Mas aonde é o estabelecimento?

—No Poço.

—Rapazeada, vamos atacar o botequim do Christovão?

—Não ha mais que recuar aqui; ao Christovão! ao Christovão!.....

Pede-se ao Sr. thesoureiro da loteria que tem de correr no dia 11 do corrente que não pague os dous quintos de n.^o 1673, sinão quem apresentar os tres quintos do mesmo numero; visto ter-se comprado o bilhete inteiro e logo depois desaparecido os dous referidos quintos. Bahia 3 de janeiro de 1871.

No Coberto Grande, loja n. 55, aluga-se para a festa, vende-se ou permuta-se, uma casa excellente na povoação de S. Thomé de Paripe.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 74.ª

SABBADO 7 DE JANEIRO.

N. 738.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 3\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 6 de janeiro de 1871.

Não houve expediente.

—Estes tempos tem sido ferteis em raptos.

—Houve mais algum presentemente?

—Si houve...

—Aonde?

—Na freguezia de Sant' Anna, no dia 3 de janeiro.

—Quem foi o raptor?

—Um filho do alferes Firmino.

—E a raptada?

—E' uma moça menor de desesete annos, chamada Idalina, filha de um trabalhador d'alfandega.

—A policia já tem sciencia do facto?

—Já; o subdelegado prendeu o raptor e dizem que elle se vae casar.

—Então, por mais essa acertada providencia o Sr. subdelegado é digno de nota honrosa pela maneira porque cumpre os seus deveres policiaes.

—Capitão, o conselho da sociedade *Monte-Pio dos Artifices* festejará amanha com toda solemnidade o 38.º anniversario de sua installação.

—Estou sciente.

—Nestes tempos de natal, anno bom, e reis, é costume habitual entre os amigos e conhecidos os presentes de *festas*.

Portanto nada mais natural, que a limpeza da cidade tambem recebesse suas festas.

O governo acaba de mimoseal-a com um pequenino augmento de 6:000\$ rs.

—No estado lisongeiro em que estão as finanças da provincia, é de urgente necessidade ir descobrindo alguma cousa em que distraia os abundantes capitaes que regorgitam nos cofres.

—E si o zelo e esmero no serviço, a actividade, dão direito a remuneração, nada mais

justo do que a fatia que acaba de receber o Sr. Antoninho.

—E' assim que se adquire o reconhecimento publico; é desta sorte que a posteridade um dia ha de dizer que um filho desta terra desejou ardentemente—sua prosperidade.

—O progresso corre á galope na Bahia.

Temos agora *reverbero*, cuja repercussão de ideias tende alagar de calor litterario a quadra calmosa que atravessamos.

—Não admira que em compensação appareça *acaçá* para refrigerar os espiritos.

—E o mais é que o calor do *reverbero* com a frescura do *acaçá* vieram tornar a *Bahia illustrada*.

—Continúa a familia estrangeira recolhida no hospital de charidade a passear todas as manhans pelo Terreiro.

—Para que hão de estar as irmans de charidade affrontando assim a opinião publica nesta terra?

—E o Sr. provedor e mezarios o que fazem, que não obrigam essas mulheres a equiparar o tratamento dos doentes a um so nivel?

Para que toleram que ellas criem essa distincção revoltante?

—Não é cousa inventada; o quadro está bem patente para todos ver.

O doente nacional vive segregado, é até privado de fallar aos seus dentro mesmo da enfermaria, o doente estrangeiro tem a faculdade de passeiar fora do estabelecimento!

—E' muito escarnecer do bom-senso da gente desta terra!

—Houve um roubo na rua da Lama.

—Atacaram algum viandante?

—Não; arrombaram a casa de uns africanos e levaram cerca de dois contos de reis.

Houve quem visse, nesse dia, á certa hora, em que o sol estava bem claro, um fulano *Sabe ler* batendo á porta da referida casa.

—Provavelmente não ouvindo niuguem lhe responder, entendeu que o melhor era instal-

lar-se no domicilio alheio, passando revista de mostra no que houvesse dentro.

—Esses larapios!...

—Raça infame de viboras dolosas!... Podesse um túnel contel-os todos e a tampa fosse eu!... Triunpho eterno!... Livro era o mundo dessa praga infame!

—Ha um defeito que ataca á todas as cousas desta terra.

—Qual será?

—O tudo ou nada.

—Decifre sua charada.

—Com um exemplo.

O passeio da Sé costumava ficar aberto até 10 horas da noite, porem envolto em trevas.

Havia nisso inconveniente, por que não respeitava-se a decencia do lugar.

—E agora?

—Fecha-se com o sol bem alto, o que é outra desvantagem.

—Na hora em que presta a serventia para que foi creado.

—Justamente; á tarde, depois dos labores do dia, é que o publico vae alli em procura de recreativa distração.

—Nas horas de calmaria ninguem se lembra delle.

—E quando mal se pensa, o guarda vae despedindo a todos, que quer fechar!

—Assim quer parecer que a praça de D. Izabel, não é aberta para commodo publico, e apenas para occupar um guarda e empregar um administrador.

—Susceptibilidade mal entendida.

—O que temos?

—Uma praça de policia entra na venda do João, á ladeira da Praça, pede uma bolachã, quebra e põe-se a comer; dá dez tostões para trocar; o vendelhão tira a importancia da bolacha e dá lhe o resto; mas o soldado dá se por aggravado por não ter aquelle confiança nelle e trocar-lhe o dinheiro por causa de dous vintens.

—Sem duvida trazia o dinheiro para fazer reliquia.

—Eu sei cá. O que não padece duvida é que elle mostrou-se tão offendido, que de palavras passou a aitar um punhado de cobre no vendelhão.

—A policia mesmo é quem deve dar esses exemplos.

—O tempo tudo consome e gasta.

—Só o amor de Deus, não.

—Cousas ha entretanto, quo parecem que o tempo tem capricho em destruir com mais presteza.

—Ao passo que a outras respeita seculos e scenos.

—Eu quando me entendi encontrei n'esta cidade um becco chamado do Ximendes.

—Existe ainda.

—E nello uma escadaria de pedras.

De certo tempo para cá, conio que o tempo se apressa em fazer desapparecer aquellas pedras de maneira bem sensivel.

—Ha horas em que V. arranca da cachola cada pedaço, que um doudo não lhe leva a palma.

—Concertaram o quartel da Palma, acieiram e caíram.

—E deixaram a capella no *sicut erat*.

Nem se quer derrubaram a copuda embaúbeira que alli floresce.

As paredes estão rachadas, o telhado desappareceu.

—São cousas que não se entendel.

Si a capella é inutil, a rasão porque não a mandam demolir? Si presta porque não a reparam?

—Vestiram a noiva de galas e a deixaram de cabellos desgrenhados.

—Talvez o dinheiro não chegasse.

—Mesmo que adoptando o Estado a religião catholica como sua, nenhum apreço lhe merece do governo.

—O que presencou V. na vespera de Reis?

—Pouco ou nada. A' não ser um inspector de quarteirão, na rua do Fogo, que, ao passo que dava voz de preso a certo individuo e bradava que não queria perder sua força moral, este, usando da força physica, como mais apropriada a occasião, ia sovando-lhe o costado; nada que valha a pena.

Pequenos disturbios que desfaziam-se de momento.

Nunca vi nossa gente mais cordata e pacifica.

Fui ao Rio Vermelho que esteve delicioso.

—Pois eu sei mais que V.; houve um conflicto gravissimo.

—E' possivel.

—Ouça lá.

Constantino Bernardes, sahio á noite em direcção ao Rio Vermelho. Em caminho addeccionou-se-lhe Baldoino de tal, um alfaiate que aqui á tempos pellow um discipulo com ferro em braza.

—Lembro-me perfeitamente.

—Foi uma companhia de cão com gato: beberam juntos, conversaram, mas de quando em vez *trovando*.

Constantino voltou para sua casa e Baldoino ficou *empistolando-se*; de volta foi á casa de

Constantino com um pau para dar-lhe; este porém usando de uma navalha, deu diversos talhos em seu antagonista e dizem que no desvio feriu tambem ao guarda que o prendeu.

— Ora vê-se que diabo de cousa!

— Constantino é um desses homens pacatos, mas que em estado de exaltamento tornam-se terríveis.

— Pelo Retiro andaram tres individuos, na segunda feira, cobrando, em nome da camara municipal, imposto pessoal.

Como a exigencia era feita a gente da classe mas rude e pobre, contentavam-se em receber em lugar de dinheiro, gallinhas, inhames, etc.

— Que maganos!

— Um figurava de fiscal, outro de soldado de policia e o terceiro de conductor.

— Bem astuciado!

— Uma pessoa ficou de me dar o nome de um dos tres industriosos.

— Pois bem; logo que souber traga-me; por que assim poderá a authoridade, si quizer, mandal-os ao Custodio para reconhecer-lhes a identidade.

— Hoje, 7, vagava pelas ruas uma creoulinha que poderia ter 7 a 8 annos.

Trazia as costas lavradas de chicote e uma grande dentada no braço direito.

O motivo de tanta barbaridade, segundo diz a paciente, é por ter quebrado uma bacia de rosto!

A senhora depois de espancal-a com tanto rigor, tangeu-a para a rua para que fosse ganhar e não voltasse sem lhe trazer a bacia.

— Oh! que falta de humanidade!...

— A coitadinha andou pelas ruas desde sete horas da manhan até meio dia; algumas pessoas penalizadas, deram-lhe o importe da bacia.

A senhora desta infeliz creança, consta que mora na rua da Independencia, e é mulher de um Sr. Sabino.

— A companhia de Vehiculos é guiada por uma má estrella!

— V. sempre tem uma historia.

— Não é historia é facto. O novo vapor que veio para os Vehiculos, logo na segunda viagem que deu na vespera de Reis, sahiu fora dos trilhos. Este facto deu-se as 5 horas da tarde, e só poderam tiral-o d'arcia as 11 horas da noite

No dia de Reis o bicho metteu-se de novo pela arcia a dentro.

— Mas V. que quer si elles não tem machinista, e entregaram o vapor á um sujeito, que

no dia de Natal andou em Itapagipe as çacê-tadas?.....

— Até os *bonds* puchados á cavallo sabiam fora dos trilhos; nas viagens do Bomfim para a cidade, quasi em todas ellas, os *bonds* encontravam-se fora dos desvios com os que iam da cidade.

— Tudo isto é devido a má direcção da companhia.

— Não sei como classifique isto.

— A companhia de Vehiculos, de proposito, demorou o *bond* que tinha de sair da cidade as 7 horas e quarenta minutos, para exigir depois 500 rs. de cada um passageiro.

— Ainda acham pouco augmentarem os preços das passagens nos domingos e dias santificados, e nos dias uteis de 9 horas da noite em diante?

Srs. gerentes, hoje é vespera de Reis, deixem para fazer sua feira amanha.

— E se ha de dizer depois que a companhia de Vehiculos não monopolisa!

— O' Sr., Vm. não é do *Alabama*?

— Sim, meu charo amigo.

— Pois então tome nota disto.

— Si Vm. quer, que remedio...

— Segunda feira, foi morar no becco do Oratorio uma mulher; á noite apresentaram-se dous policiaes, dizendo que queriam ensinal-a, por que por causa della estava padecendo um seu companheiro.

Quando dispunham-se a invadir a casa a mulher que não parecia ser pecca, apagou a luz. e munida de um facão poz-se em attitude de receber o assalto. Os soldados continuaram a blaterar, mas não se animaram a entrar.

Accommodados por alguém, retiraram-se, promettendo porém voltar no dia seguinte mais prevenidos.

A mulher apesar de estabanaada pensou que o mais prudente era mudar-se e no outro dia foi entregar as chaves a quem lhe sublocara a morada.

E fez bem; por que á noite os dous soldados foram pontuaes no que tinham prometido.

Vendo a porta fechada e julgando que a mulher com medo, estava trancada por dentro, arrombaram a porta.

— E' um pequeno addendo as façanhas policiaes desta terra.

A PEDIDO

— O subdelegado de Sant'Anna acaba de condemnar a 3 mezes de prisão e multa cor-

respõdente a metade do tempo, Paulo Pedro da Silva.

A pena deve ser cumprida na casa de Correção.

—Que crime commetteu?

—Injurias.

—Ah!, bom proveito lhe faça.

—Hontem á uma hora da noite a patrulha da Conceição da Praia, recolhendo-se, apanhou na Praça, junto a Relação, uma creancinha de 2 mezes que a perversidade humana ali jogara.

O subdelegado da Se enviou-apara a Casa do Asylo.

—Em quanto a desnaturada mãe á essa hora, talvez, estivesse engolphada na orgia.

—Capitão, V. Ex. conhece um sujeito men *patricio*, que mora defronte da ponte dos paquetes?

—Ignoro quem seja este seu *patricio*.

—Pois V. Ex. não conhece!

—Olhe que massante! Já disse que ignoro.

—Não precisa zangar-se, capitão, desculpe se lhe venho importunar.

—Diga logo ao que vem e vá se pondo ao fresco.

—Este sujeito de quem eu fallo, anda sempre para os lados do *Santo paduano portuguez*, é amigo intimo do *Guimarães*.

—Mas o que teve, que ainda não disse?

—E' que elle tem a audacia de detractar de homens honrados, não lembrando-se que já esteve no forte do *Chaveiro do Céu*, que o diga os *Xia-pés!*

Pobres victimas! Ainda em cima, elle não satisfeito com isto, quiz arranjar um conto e tanto de um dividendo da massa de uma devota de *S. Vicente*, moradora em *S. José*; mas o *Martins* que não é de cassuadas, achou prudente que o meu *patricio* fizesse entrega do dinheiro a sua dona, e para isso assignaram um contracto.

—Muxingueiro, vae defronte da ponte, agarra esse descarado de quem se veio queixar este homem, e mette-lhe um par de machos aos pés, deixando-o no porão do navio até a minha segunda ordem.

—Lá vae uma do olho-vivo que tem seu quê de subtilidade.

—O membro da companhia de nome *Pelotas*....

—Oh! esse é uma capacidade rapinal.

—Chegou a certo logista e fez uma encom-

menda de miudezas que montava a umas centenas de mil réis.

Por muito resabiado que fosse o logista, teria de desvanecer qualquer suspeita, desde que olhando pelo *rabo dos olhos*, visse o Sr. Pelotas fingindo procurar no bolso alguma cousa, puchar de lado um rolo parecendo uma maçagada de dinheiro.

—E' o que na giria se chama *dar á cheirar*.

—Mas o tal rolo era ficticio; somente a casca era dinheiro, o miolo era bagaço.

O logista preparou a encommenda com aquelle afan de quem queria se metter nos cobres; aquillo que não tinha foi tomar a um visinho.

Neste comenos, surge um individuo com uma ordem para receber do Sr. Pelotas 16\$ rs., tambem de uma encommenda que esse Sr. mandara apromptar em outra parte.

Pergunta ao recebedor si tem troco e com a resposta negativa, pede ao logista que lhe abone os almejados 16\$ rs. e englobe na sua conta.

—Isso é o que elle queria.

—Embolsado o cobrador, põe-se no andar da rua e momentos depois o Sr. Pelotas tem necessidade de ir a um armazem comprar um objecto.

E está comprando.....

E o logista está com a encommenda prompta á sua espera. Com a differença que tem de pagar a seu visinho os objectos que tomou-lhe para completar a encommenda do Sr. Pelotas os quaes tem de entulhar-lhe a casa até que este volte.

—Oh! quanta fertilidade tem essa gente para enganar os mais!

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artifices.

Tendo o conselho administrativo de solemnizar o 38.º anniversario da fundação d'esta sociedade, no dia 8 do corrente ás 10 horas da manhan, com missa solemne á sua Padroeira e sessão magna, convida aos Srs. socios a reunirem-se na sala das sessões, no mencionado dia e hora, afim de assistirem á esses actos; findos os quaes proceder-se-ha a eleição para os novos funcionarios, segundo dispõe o art. 35 dos estatutos. Bahia 2 de janeiro de 1871.—O 1.º secretario, *Joaquim Cassiano Hyppolito*.

O proprietario da loja n. 51 ao entrar na rua de Baixo de S. Bento roga a todos; que tem conta na mesma a virem saldala até o dia 1.º de janeiro vindouro, do contrario verão seus nomes nas columnas de diversos jornaes.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 74.*

QUARTA-FEIRA 11 DE JANEIRO.

N. 739.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.

PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 10 de janeiro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Brotas. —Sendo notorio que anda publicamente pelo Matatu e Sangradouro um rapaz atacado de morphéa, morador ao largo do Paranhos, em uma das casas do Sr. Gameleira; á vista das queixas da visinhança, de que esse individuo, como todos os affectados de semelhante mal, tem o costume de gostar de misturar-se com creanças, carregal-as, dar-lhes de sua comida, etc., cumpre que S. S. tome em consideração o exposto e dê as providencias adequadas á respeito desse infeliz.

—Vê aquelle homem arrimado á duas mulletas, coberto de andrajos?

—Um infeliz á quem a deformidade priva de ganhar a vida e obriga a mendigar.

—Hontem não era assim. Era um homem robusto e perfeito; foi um bravo; inutilisou-se derramando seu sangue na defeza de sua patria.

—E a patria em signal de agradecimento o manda tirar esmola se não quizer morrer de fome!.....

—Aquelle homem chama-se José Plinio de Oliveira; foi praça de cavallaria de policia n'esta provincia; vio-o muitas vezes servindo nas ordens em palacio. Rompendo a guerra do Paraguay, passou para a fileira e marchou no seu batalhão para a campanha. Tomou parte em diversos combates; foi baleado em uma das coixas e contuso na outra perna. Regressando a sua terra requereu a gratificação dos 300\$ rs. que o decreto convocando voluntarios offerencia; negaram-lhe... prometendo se-lhe que seria reformado e teria uma pensão. Nada lhe deram, apesar dos incansaveis esforços que empregou. O pobre soldado que dera gloria a sua patria, porque ja não tinha serventia, foi esquecido e desprezado.

Entretanto seus padecimentos aggravaram-

se consideravelmente. Sem meios, recorreu ao hospital de charidade publica, d'onde foi despedido peor do que entrou.

Tornou-se paralitico e as carnes da perna contusa cahiram deixando o osso nu.

—Que desgraça! Nem ao menos o hospital militar para tratá-lo...

—Sem ter o que comer, nem possibilidade de trabalhar, eil-o sustido por aquelles dous pedaços de pau, com as mãos estendidas implorando um pedaço de pão para não morrer á mingoa!

—Vergonha das vergonhas!

Oh! si aquelle homem magoado por tanta ingratição, amaldiçoar a hora em que se sacrificou defendendo a honra de seu paiz, ninguém tem o direito de lhe levar a mal.

—E' a sorte dos voluntarios!

Muita razão teve quem disse—«Voluntarios da patria, não choreis todas as vossas lagrimas pelas ossadas dos companheiros que se finaram nessa funebre necropole do Paraguay, longe da familia.

«Voluntarios da patria, reserve as dessas lagrimas, as mais amargas, para chorardes no dia da fome e da miseria, que vos aguarda como premio!»

—O conselho da sociedade *Monte-Pio dos Artifices* solemnizou no domingo, segundo estava annuciado, o 38.^o anniversario da installação desta instituição.

—Faça-me a descripção desses festejos.

—Na porta do edificio havia um arco de folhas tendo em cima dous pavilhões nacionais; as janellas estavam ornadas de bandeiras e colxas, tremulando no centro, em um mastro, uma grande bandeira tambem nacional.

A sala das sessões estava esplendidamente decorada.

O altar da Padroeira da sociedade esteve ornado com toda decencia religiosa.

No centro da sala, defronte do altar, estava a effigie de S. M. o imperador, em um logar para isso elegantemente preparado.

Celebrou a missa á Padroeira da sociedade

o Revm. conego cura João José de Miranda. Finda a missa, o afamado monge benedictino-voluntario da patria, pregador imperial, frei Francisco da Natividade Carneiro da Cunha, bastante conhecido pelo seu talento oratorio, pronunciou de improviso um eloquente, brilhante e inspirado discurso historico.

As principaes cadeiras foram occupadas, por não terem comparecido as authoridades, pelos Srs. conselheiro Manuel Ladislau Arranha Dantas e padre-mestre frei Carneiro.

Depois dos vivas do estylo, o presidente da sociedade leu o seu relatorio e o relator da commissão de contas o seu parecer.

Felicitarão a sociedade em discursos:— pela sociedade Medico-Pharmaceutica de beneficencia mutua, o Sr. Dr. Antonio Mariano do Bomfim; pela do Amparo dos Desvalidos, o Sr. Severiano Pedro da Silva; e pela Associação Typographica Bahiana, o Sr. Joaquim Cassiano Hyppolito.

Agradeceu as commissões de felicitações, na qualidade de socio honorario da mesma instituição, o Revm. frei Carneiro, em um bem elaborado discurso.

A distincta banda de musica de policia, sob a direcção do seu digno professor Joaquim Pedro, executou diversas peças do seu repertorio.

—Foi um magnifico festim!

—Concluida a sessão magna, procedeu se a eleição para o novo conselho e commissão de contas, cujo resultado foi o seguinte:

Conselho.

Aristides Ricardo de Sant'Anna (reeleito).
Joaquim Cassiano Hyppolito (idem).
Miguel dos Anjos d'Almeida Villarouca.
João Evangelista de Araujo (reeleito).
José Duarte dos Santos Bahia (idem).
Eustaquio F. Vieira Guimarães (idem).
Joaquim de Carvalho Lima (idem).
Lucio Casimiro da Fonseca.
Manuel Ignacio Ladêsma.

Commissão de contas.

Filinto Elysio Pinheiro (reeleito).
Vicente Ferreira de Campos (idem).
Constancio Antonio Alves.

—Temos tribunaes inglezes nesta terra?

—Ora não se dê a desfructo!

—E' que, dizem, o superintendente da estrada de ferro, prende por sua conta e risco, não a seus patricios, mas a nacionaes, e eleva seu poder descrecionista a maior altura do que as authoridades brasileiras, por que decreta logo o tempo da prisão sem previo julgamento.

—São fabulas!

—A razão que eu tenho para crer é a coincidência de ser achado na Calçada este papel.

—Leia.

—Vou fazer isso mesmo.

«Sr. chefe de estação—Calçada.

«O trabalhador João D. Correia preso pelo chefe do trem especial, fique preso até amanhã. 1 de janeiro de 1871.—J. M.

—Logo dia de Anno Bom!

—Está claro que alem das authoridades constituídas pela lei, temos mais a obedecer a esse novo poder judiciario da terra dos nevoeiros.

—Martiniãna Maria de Jesus, é uma rapariga de costumes um pouco livres.

Sua casa ao Maciel é um ninho onde á noite costuma repousar o deboche, e o summo da parreira recebe ali frementes oblações.

Foi em uma dessas expansões, no domingo á noite, que turrando com seu amante, o ex-voluntario João Raymundo de Macedo, rapaz, aliás, de indole *condescendente*, deu-lhe algumas navalhadas recebendo em remuneração um ferimento na cabeça.

Este par bellicoso acha-se em tratamento no hospital de charidade, e indubitavelmente quando restabelecido irá convalescer na chacara do Custodio.

—E' preciso chamar a attenção da authoridade competente para um certo estrangeiro, norte-americano de nação, que todas as noites no Campo Grande, abalroa os transeuntes e quer obrigar os a utilisarem-se de seus prestimos.

O tal yanke tem uma mania bem extravagante!

Encasquetou-se-lhe na mente de que elle pode ser conductor de qualquer pessoa que queira ir viajar os Paizes Baixos; mas como nem todos tem disposição de aturar uma disparatada exigencia, cuja insistencia tem a propriedade de purgante, será bom fazel-o não continuar.

—E no caso de persistir na sua importuna exquisitez, mandal-o para logar solitario onde só viva entre bichos ferozes, como *onças*, etc.

—Os larapios não perdem vasa!

Em todos os festejos, quer publicos quer particulares, apparece sempre um factio da companhia do *olho vivo* para registrar-se.

—Algum roubo que se deu no domingo, nos diversos festejos que houveram, não?

—E' verdade.

Foram á sociedade *Monte Pio dos Artifices*

e levaram duas mangas de vidro das que serviam na illuminação da loja da mesma sociedade, nos festejos de seu anniversario.

— O Sr. cassou comigo, eim!

— Como? padre-mestre.

— Pois dar-me 2\$ rs. pela missa? Uma ridicularia.

— É pouco por uma missa resada?

— Deixe estar que ainda ha de haver uma tabella.

— Tanto melhor; ao menos cada um saberá o preço porque deve comprar a mercadoria.

— Chegou V. Revma. a capella de *Santa Ilustre* e em menos de 30 minutos alinhavou 2\$ rs., hoje segunda-feira 2, e acha pouco!

— Si ha abuso mais inqualificavel avalie por aqui.

São oito horas e meia da noite; os carros da companhia de Vehiculos estacionam na praça do Commercio; vende-se cada passagem a 250 rs., o trem enche-se e parte.

Em caminho, dão nove horas; param os *bonds* e obriga-se cada passageiro a pagar mais uma passagem ou a sahir!

— Nem diga isso que é uma surpresa impropria da companhia.

— Ora está! Foi no sabbado, meu senhor-zinho.

— Como se fazem estas cousas!

E uma exigencia forçada; é illudir ao publico, mofar da opinião.

— Si fosse em uma terra onde a policia tivesse acção, a companhia seria obrigada a conduzir os passageiros pelo preço que os recebeu, e talvez não se animasse a fazer tão desarrasoada imposição.

— Na verdade nem ganhadeiras.

Estas depois que ajustam, não alteram mais o preço.

— A companhia se compromette com o publico de fazer o seu trajecto da praça do Commercio a baixa do Bonfim por certa quantia; com que direito no meio da viagem alteia o preço e exige o valor de mais uma passagem em mais de meio caminho?

— É a companhia que se propoz a vir acabar com as irregularidades e abusos que commettiam os Arianis.

— Ha um geral clamor.

— Por causa da carestia e má qualidade da carne?

— Creio que cousa peor.

— Não atino.

— Nas vendas não recebem as moedas de dez reis de cunho antigo.

— Porque a companhia do Queimado, tambem não quer receber.

— É um flagello; essa moeda gira soimente na mão de gente pobre; havendo recusa em recebê-la, ha atropello e difficuldades.

— Eu não posso comprehender estas cousas; o dinheiro não está recolhido, é moeda legal e não a querem tomar, soffrendo com isso a população.

— Entretanto os vales de *uma sópa* e outros, se consente que tenham curso extraordinario.

— Causando tambem prejuizos por que aquelles que os emittem so os resgatam fazendo-se despeza.

— Boa especulação!

— Mas se a policia consente.

A PEDIDO

Discurso

proferido no anniversario da sociedade Monte-Pio dos Artifices pelo relator da commissão de felicitação da sociedade Medico Pharmaceutica de beneficencia mutua.

Srs. da sociedade Monte-Pio dos Artifices.

— Com o maior jubilo accitou a sociedade Medico-Pharmaceutica de beneficencia o convite com que a honrastes para assistir hoje a vossa reunião anniversaria.

Tendo por base sentimentos tão nobres e tão humanitarios, como aquelles que vos servem de guia, não pode a sociedade Medico-Pharmaceutica deixar de comprazer-se e congratular-se convosco por ver que proseguis de um modo tão meritorio na senda que trilhaes.

Em verdade, Srs., nenhuma ideia pode haver mais grandiosa, mais fecunda, do que aquella com que os homens dedicados ás sciencias, ou ás industrias e profissões uteis alentam e animam o desenvolvimento d'ellas, perseverando no trabalho, e ao mesmo tempo preenchemo um fim tão elevado e tão sublime como o da beneficencia e da caridade mutua.

Que digno quadro, Srs., offereceis ao mundo! Enquanto na velha Europa vemos os progressos humanitarios, perturbados em sua marcha grandiosa, cederem o passo aos elementos de destruição; enquanto os homens ali empregam todos os recursos, todas as forças do corpo e do espirito em anniquilarem os seus semelhantes; enquanto para satisfazerem os caprichos dos reis ambiciosos tróam os ares com o ribombar dos canhões, toldam a athmosphera com o espesso fumo das bombardeiras, e embebem a terra com o sangue dos que se fizeram soldados; aqui reunidos

Neste recinto, n'este canto do nosso abençoado paiz, n'esta grande America affeita aos dictames da liberdade, predestinada aos mais gloriosos successos na historia do espirito humano; aqui no regaço da paz e da virtude que tanto ennobrece o cidadão, empregacs a vossa intelligencia, o vosso trabalho, os vossos modestos recursos, não para a destruição, mas para a elevação e para o engrandecimento do homem.

Continuae, Srs., no vosso nobilissimo empenho, e dignae-vos receber os emboras, os parabens sinceros que da nossa parte e em nome da sociedade Medico-Pharmaceutica de beneficencia temos a honra de vos dirigir.

Bahia 8 de janeiro de 1871.

Dr. Antonio Mariaño do Bomfim.

Dr. José Ignacio d'Oliveira.

Exm. capitão. — Tenho a honra de communica'r a V. Ex. que hontem 1º de janeiro, as 8 horas, o immediato d'esse navio foi encontrado tomando seu *codorio* na porta do Christovão, ao Poço de Itapagipe; constando-me alem d'isto que antes já tinha tomado uma *muafa* no alambique do Carias; para que pois V. Ex. o chame a ordem, venho dar-lhe a competente parte.

Deus guarde a V. Ex.
O rondante.

— Padre, seja franco, a quem se refere aquelle dito de bode-negro?

— Ao Jorge.

— Ah!... eu julguei que foi a aquelle prejudicado caixeiro que no desembolso de 18\$ rs., para recebê-los foi preciso sujeitar-se a imposição de abater 8\$ rs.

— Isso não; era velhacada e tratantada.

— Mas fique certo que para cada um procurar o que é seu não é preciso que alguém lhe ensine, e portanto não foi o companheiro do rapaz quem o aconselhou a que mandasse receber os cobres que V. Revma. devia.

— E' verdade; mas o Sr. bem sabe que quem não tem vontade de pagar procura uma desculpa.

— Ah! então diga-me isso.

— Sr. Antonio Ferminio, mais segurança na lingoal Fallando assim de tudo e de todos, pode lhe sahir azedo.

Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de Sant'Anna.

Leva-se ao conhecimento de S. S. que o sapateiro de nome Eduardo, depois de reprehendido pelo facto de pôr-se nú, de maneira que fosse visto por uma moça donzella que mo-

ra defronte de sua casa, entendeu descompôr a mãe da referida moça, chegando o seu arrojo ao ponto de querer espancal-a; o que ainda mais aggrava o seu delicto; tanto mais quando elle no dia em que foi reprehendido por S. S., dirigiu-se a casa do Sr. Joaquim de Carvalho Lima e prometeu, não contender mais com a mencionada moça.

Em vista d'isso, pedimos a S. S. que providencie de forma a fazel-o conter-se.

ANNUNCIOS.

O CAFÉ LES DEUX AMIS

AO LARGO DO THEATRO

VENDE:

Vinho fino.

Dito Bordeaux, Figueira e Porto.

Extrait de Absinthe.

Bitter e Vermouth.

Calda de cajú e groselle.

Agoa: Americana e Selthz.

Genebra aromathisada.

Vinho Champanhe.

Cerveja ingleza e nacional.

Agoa de Felipe.

Licores finos.

Vellas de spermacet.

Conservas e ervilhas portuguezas.

Charutos de fabricantes da provincia.

Chocolate fino

Biscoitos inglezes.

Cigarros do Rio de Janeiro.

Molho inglez.

Phosphoros de cera e segurança.

Cartas russas e francezas.

Carteiras de segredo.

Papel e enveloppes.

E diversos artigos de miudezas por metade do seu valor para liquidar.

Na ladeira de S. Roque, 2º. portão á direita quem sobe, precisa-se de lavadeiras e engomadeiras; paga-se bem.

Aos apaixonados.

Breve sahirá a luz a nova modinha intitulada—*Os dous anjos*—logo que estejam promptas indicar-se-ha os pontos onde será exposta á venda.

O proprietario da loja n. 51, ao entrar na rua de Baixo de S. Bento, roga a todos, que tem conta na mesma á virem saldala até o dia 1 de fevereiro vindouro, do contrario verão seus nomes nas columnas de diversos jornaes.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 75.ª

SABBADO 14 DE JANEIRO.

Ns. 740—744.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 3\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 13 de janeiro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que, para evitar algum sinistro que se tenha depois a lamentar, não consinta que no domingo do Senhor do Bomfim, o vapor da companhia de Vehiculos puche os *bonds* por dentro da cidade, como o fez na quinta-feira, em vista das estreitas ruas por que tem de passar; estando o referido vapor com falta de nma peça na machina, o que pode arrebentar de uma hora para outra.

Em vista das razões acima apresentadas, espera-se que S. S. dê as providencias precisas, evitando assim alguma desgraça que por ventura possa acontecer.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe em nome do respeito que se deve guardar aos recintos sagrados, que mande dispersar um ajuntamento de rapazes libertinos, certos em assentarem se á noite no adro de S. Francisco, do lado da portaria, os quaes não só faltam com o acatamento ao lugar, como offendem a honestidade publica.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna, chamando sua attenção, para as scenas de devassidão que se dão á noite no portão do Tororó, postas em pratica por duas destabnadas mulheres uma de nome Maria José e outra conhecida por *Dosa*.

Essas antagonistas da decencia e do socego, são causa de toda sorte de escandalos praticados no referido lugar. Pede se por tanto a S. S. uma medida que as faça conter.

—O francez Pierre e o italiano Garrelino, aportaram á esta terra no mesmo transporte, terça feira.

Achando porém Garrelino que a bagagem de seu companheiro de viagem era por demais pesada para aquelle, tomou a si o cuidado de alivial-o, e effectivamente fez ablaticio de partida com a mala do outro.

— Não ha lugar onde essa maldita gente não se introduza para seus fins.

—Queixas umas em cima das outras contra os moradores desta casa!

—São estudantes; gente da pelle.

—Não tenho nada com isso. O estudante pode ser folgasão, divertido, sem offender a moral, nem prejudicar aos circumstantes.

Fazem todo despejo de casa para a rua e guardam a trampa enrolada em papeis para atirar sobre quem passa.

—E' um procedimento indigno.

—E que pode acarretar graves consequencias.

Na terça-feira á tarte atiraram uma garrafa sobre um crioulo de nome Manoel Francisco.

—Dá-se que precepicio!

—O morador do andar debaixo viu-se obrigado a mudar-se para evitar algum caso desagradavel; a vizinhança é unanime em queixar-se.

—Desta sorte está o becco do Seminario intrasitavel.

—Não; si o subdelegado quizer pode mandar admoestal os e estou certo que elles se conterão.

—Que mal fez este pobre povo ao Sr. Antoninho da limpeza?

—Porque?

—Pois o homem não quer matar a gente asphyxiada?

—Cassuada!

—Amontôa toda especie de immundice na Estrada Nova, nos fundos do convento de S. Francisco, e ataca fogo!

—Boa maneira de comer o suor do povo!

—A exhalção que desprende essa fogueira de materias putridas é insuportavel, o fumo pestifero suffoca os moradores da rua da Ordem 3.ª, ladeiras da Prata e de S. Francisco. Nas casas fecham-se as janellas mas é de balde.

—O fiscal o que faz?

—Qual é o fiscal que se atreve a intro-

metter-se com a limpeza da cidade, uma empreza, que na Bahia tem mais garantia do que em Londres a congregação das missões evangelicas?

—Esta terra está podre de corrupção!...

Infringe-se audazmente as condições da hygiene, põe-se em perigo a salubridade publica, zomba-se da opinião, sorve-se o dinheiro do povo com um contracto que é calcado, e a tudo isso fecha-se os olhos porque é praticado por uma empreza que pela festa recebe festas!

—V. me diz uma cousa que lhe vou perguntar?

—Si souber.

—O thesoureiro do Sr. do Bomfim não é quem marca o logar das feiras?

—E'; e sempre procura a marcação de maneira que ellas fiquem em um só alinhamento.

E como é que a feira do Sr. Sobral ficou na frente das outras?

—Não sei; talvez que por contemplações!

—Quem seria a fera humana que teve coração de atirar fóra esta creancinha.

—Alguma mãe éção, sem duvida.

—Parece que a malfadada foi abandonada gozando do sopro da vida, porque conserva ainda um resto de calor vital.

—Oh! Deus do ceu!....

—Envolvida em uns trapos atiram o corpo da tenra e innocente creatura aqui no Cruzeiro!

—A semana passada deitaram na praça uma criança viva que, foi achada pela patrulha.

—Quando as mães desfazem-se dos filhos por meios tão barbaros e desnaturados, pode-se affirmar que, a depravação dos costumes tem chegado a ultima escala.

—Isto é um desaforo inqualificavel!

—O que foi?

—Não ha mais logar nos *bonds* para os passageiros que estão aqui ha muito tempo, e no emtanto que o Sr. Dr. Luiz Alvares que chegou agora, o Sr. João Ignacio foi arranjar-lhe logar, sendo preciso para isso deitar para fóra um passageiro.

—Eu no caso do passageiro, já tendo dado o meu bilhete, não sabia.

—Esta companhia da *machambomba* é uma perfeita droga!

—Que motivo prende a curiosidade publica alli?

—Foi um inglez que com uma bofetada estendeu a mulher na rua.

—O' gentes! Nada mais inconveniente.

—Nem se pode admittir o principio de que cada um tem o direito de exemplar sua casa, porque elle não mora aqui no meio da rua Nova do Commercio.

—Quem é elle?

—Estão dizendo que é o machinista do *Penedo*; mais eu não garanto.

—Esbofetear uma senhora publicamente! Que acção triste.

—Ainda dado que elle tenha *suas razões* para zangar-se, o logar não é proprio para a correccão.

—O subdelegado da Penha entendeu que, a maior parte das turbulencias são devidas as excessivas libações espirituosas, que a noite fazem os amantes da *giribita*.

—Creio que com carradas de razão.

—E como, tirada a causada cessa o effeito, para prevenil-os, prohibiu que no districto de sua jurisdicção, as tavernas se conservassem abertas além do toque de recolher.

Uns dous taverneiros em revendita, assentaram de burlar a ordem da authoridade.

Para tal fim, dirigem-se ao delegado e lhe requerem uma ordem para terem as vendas abertas á noite, o que foi facilmente concedido; sem mais satisfas, continuaram elles, nas barbas do subdelegado, a praticar aquillo que tinha sido prohibido como uma medida preventiva.

—Ah, bem vê que onde está o maior cessa o menor.

—Mas ou bem que sejamos ou bem que não o sejamos.

—No *bond* que sahio do Bomfim para a cidade, na quinta-feira ás 11 horas da noite, os passageiros vieram fumando.

—Eu entendo que a companhia devia mandar ás 11 horas aquelles *bonds* todos abertos, onde ha licença para os passageiros fumarem, afim de que elles não desmoralisem os caixeiros.

—A companhia de ha muito que já se acha desmoralisada.

—Capitão, aprecie esta.

—Temos obra.

—Si a minha presença o incommoda, retire-me.

—Fique, e diga ao que vem.

—O Sr. Nicolau Joaquim Dias, entregou ao bilheteiro da companhia de Vehiculos para guardar algumas varas de brim branco n. 4, e havendo-se esquecido de tomal-as quando saltou, mandou no dia immediato um porta

dor buscal-as; mas teve em resposta que o brim havia desaparecido.

—Bonito!

—Quando se deu este facto?

—Em um dos dias da semana passada.

—Eu não digo que fosse o bilheteiro que por machavelismo ficasse com elle, pois o considero um moço bastante honrado, mas admira que n'aquella companhia haja homens do olho-vivo.

—Quando voltou da lavagem?

—Hontem mesmo.

—Admira! V. apologista da patuscada não sei como não se aboletou por lá.

—Ah, a cousa desta vez não me quadrou; houve muita concorrência, porem pouca animação.

—A respeito de creoulas e sambas?

—Essa parte compete ao aspirante, que já a está formulando para apresentar a V. Ex. Desordens e desgraças houveram de sobra.

Vi uma mulher querendo despojar outra do fato que trajava, por ter reconhecido nella uma roupa, que ha tempos, estendera á corar no largo de Santo Antonio e cuja roupa lhe desaparecera. Si bem que não podesse realizar a operação por ser difficultosa, comtudo contentou-se em arrebatá-la da cabeça da outra o lenço que dizia ser seu.

—Ora, si isto se dá tinha-se de ver boas cousas!

—O bond de nome *Avahy* passou por sobre uma infeliz mulher na viagem das 7 e 20 da noite, no Xixi.

—Santo Deus!

—Em Agoa de Meninos deu-se outro desgraçado successo. Foi o de ter passado um wagon sobre as pernas de um homem, o qual foi conduzido ao hospital de charidade debaixo de cruciantes dores que, lhe arrancavam gemidos de consternar.

—Não ha gostos perfeitos nesta vida!

—Tambem um passageiro ao desembarcar levou sobre os peitos o embate da lança de um wagon que o prostrou sem sentidos, e diz o *Jornal* que uma criança partiu as pernas.

—Nisto vê-se a ordem natural das cousas neste mundo!

A par do progresso e melhoramento que trouxe á esta terra o systema de viação por linhas ferreas, ha a lamentar-se de quando em vez essas desgraças.

—Para as quaes concorrem de um lado a temeridade e imprudência, de outro o despejo, a desidia.

—Os ladrões cuidaram que fizeram um bonito arranjo e enganaram-se.

—Conte-me essa gamada.

—No deposito da fabrica Dous de Julho havia um soberbo côco de estanho, de tirar agua, cuja alvura fascinou as vistas dos rapinas que se illudiram com o objecto, julgando ser prata.

Em uma bella noite quebraram o gradil de ferro de uma janella, estenderam a mão e saíram o desejado côco.

—E' provavel que estejam já convencidos que o objecto surripiado não compensou o trabalho que tiveram e o risco que correram.

—Mas ha cousas verdadeiramente extraordinarias! Pois uma guarda ali, á dous passos, e não viu os ladrões quando arrombaram a grade!

—Que admiração!... Cegos são todos que não querem ver.

A PEDIDO

Duas palavras

proferidas de improviso no anniversario da sociedade Monte-Pio dos Artifices pelo 1.º secretario da Associação Typographica Bahiana.

Senhores do Monte-Pio dos Artifices.—A Associação Typographica Bahiana, representada por seu humilde e obscuro órgão, felicita-vos pelo feliz e glorioso 38.º anniversario da fundação da vossa sociedade.

Apostolos da arte divina—a imprensa—trilho de ferro do pensamento humano, na phrasa do Sr. Victor Hugo, alavanca do progresso, labaro sagrado dos direitos do povo, não podia essa modesta communhão de artistas ficar indifferente a vossa festa, antes mentiria sua origem, si, recebendo o vosso honroso convite, deixasse hoje de vir congratular-se comvosco pela recordação da data historica e memoravel de 16 de dezembro de 1832, dia em que tivestes o elevado e sublime pensamento de inaugurardes a vossa sociedade.

Senhores! A Associação Typographica Bahiana, si bem que ainda não esteja devidamente organizada, comtudo apressou-se em vir dar-vos o osculo da alliança, porque unidos como somos pelos laços indesataveis do trabalho, afeitos ás privações, e tendendo para o fim identico ao vosso, o cumprimento do preceito—*Amai-vos uns aos outros*—lhe é grato por todas as formas ter sempre occasião de manifestar seus sentimentos de estima, respeito e amizade á aquelles que consagram parte de sua existencia no exercicio da primeira das virtudes—a caridade.

Obreiros do santo edificio da caridade—avante!

Atravessai de cabeça erguida por entre a

tirba dos indifferentes e egoistas, para quem todos os grandes commettimentos são *utopias*, como outr'ora Moysés passou o Mar Vermelho em demanda da terra da promessa.

Não desacorocéis—porque os votos do reconhecimento dos que soffrem e precisam se elevam até os ouvidos do Eterno, que nunca esquecido ás recompensas promettidas á *simples esmola de um copo de agua fria*, vos retribuirá com usura todos os sacrificios que fizerdes por uma tão santa causa.

União e perseverança—seja sempre o motte que vos guie no caminho do porvir.

São estes, senhores do Monte-Pio dos Artífices, os votos que faz a vossa co-irmao, a Associação Typographica Bahiana.

Bahia 8 de janeiro de 1871.

Joaquim Cassiano Hyppolito.

—O *Mais-cousa* é visto todas as noites rondando a porta da mãe de sua victima.

O que pretenderá ainda esse lubrico? Corvo de especie humana, já não saciou seu torpe e nefando apetite? Não cobriu de deshonra uma tenra creança; não lhe maculou a vida inteira, arrancando-lhe com garras de abutre o que demais precioso possuia?

Oh! que homem impudico!...

Não veem o descaro e ar impavido com que elle se apresenta no lugar, onde de cabeça curvada, devia se envergonhar do acto infame que commetteu?

Outro homem que não elle, somente pelo simples facto de ser accusado de acção tão negra, como o de estuprar uma creança, coraria á vista de um auditorio numeroso que o encara e a innocente victima de sua brutal carnalidade.

Mas elle ahi mesmo é que com impavidez revoltante parece querer inculcar impunidade e ostentar protecção.....

Paes de familia! Olhae com horror para esse monstro. O homem que teve a proterva audacia de forçar uma tímida menina e que deante della, no publico, não se compunge aos olhares de uma população que o vê com asco; é capaz de tudo quanto é hediondo..... tem immergida a alma nas profundezas do vicio.

E como se insulta a desgraça! Como se escarnece do infortunio!

Quanto labeu infamante lançado sobre uma infeliz menina cujo sexo e idade, devia inspirar a compaixão de ser poupada a presenciar scenas tão degradantes para ella.

—Capitão, um projecto de lei.

—Não estou em assembléa; mas para não lhe descontentar, apresente.

—Art. Nenhum thesourairo, de qualquer devoção, irmandade, etc., poderá servir em reelecção, sem que tenha prestado contas do primeiro anno de sua thesouraria, approvadas pela authority competente.

—Muito bem; porem a que vem isto?

—Vem, porque ha confrarias que tem a receita, por exemplo, de 20:000\$ rs., mais ou menos; o individuo que occupa o lugar tem as ruas, o dia e a noite; no primeiro anno roda o cujo com a quantia de 20:000\$ rs. para occorrer as despezas da casa; si faz alguns ridiculos reparos já a receita não chega, tem por conseguinte o tropiante um saldo de dous, tres, e mais contos; e as confrarias sempre devedoras aos taes magicos.

—Homem, V. falla no geral?

—Não, capitão, porque ainda temos na sociedade homens, que pelos seus actos dão provas de character serio e honesto; estes apenas occupam os logares, por suas devoções e gastam do seu.

Ha cujos que ficam reeleitos, por não acharem pessoas que os substituam na santa thesouraria.

—Então estes só são capazes?

—Parece, no sentido dos taes.

Uma confraria tem a receita de 16:000\$ rs., por tres annos são 48:000\$ rs., para tapar alguma brexa do cofre, formula-se a conta mais ou menos assim:

Despendido com ordenados, tanto; guizamento, 3:562\$722; roupa lavada e engomada, 685\$145 rs.; concerto nas fechaduras e novos espelhos, 1:145\$ rs.; cordas para os sinos, 62\$ rs. E tudo mais por diante.

—Tem muita razão, vou pensar a respeito. Basta isto, ha masso.

—Isso acontece por ser aqui na estrada da Graça.

—Na cidade mesmo eu vejo se fazer couza egual.

—Como é que um homem encontra uma mulher trazendo ás costas uma creança e dá-lhe com o chicote sem esta o offender!

—Está no *pisão*, desculpe.

—Quem toma suas monas vá cosinhar.

—Ora deixe lá; as boas e as más ficam com seu dono.

—Não me diga isso, Sr. Sancho.

—Na ordem natural, cada sexo tem sua especialidade, sua missão, seu attributo.

Assim, á mulher pertence cuidar da economia domestica, temperar as couves, remendar as ceroulas, amamentar os meninos, enfim, ser a companheira fiel do homem; em quanto este tem obrigação de cuidar nos

meios de prover a subsistencia e ser o arrimo do sexo fragil.

Mas o Sr. *Precisão* entende em sua cachola de inverter a essencia das cousas e quer por força fazer aquillo que pertence as mulheres...

Dá-se que birra!

—De sorte que o Sr. *Precisão* é uma anomalia de sua especie.

—E' verdade; mas como o homem tem o nome de *Precisão*, talvez faça tudo isso somente por *precisão*.

Um coração de vapor.

.....a moça namorada é em regra a que mais difficilmente consegue conquistar um noivo. (MACEDO.—Victimas algozes.)

Mentindo passa esta vida,
Sem nunca provar amor,
A dama que tem no peito
— Um coração de vapor.—

Dizendo a todos que ama,
Com santo e grande fervor,
Sem amor nunca provar
— Um coração de vapor.—

Ama na corte o pelintra,
Na roça o pobre pastor,
E por fim a todos ama
— Um coração de vapor.—

Vai passando pela rua,
Moço com ar de doutor,
Eis lança os olhos p'ra elle
— Um coração de vapor.—

Namora o velho mui feio,
Chamando-o terna de flor,
Fazendo piegas mais
— Um coração de vapor.—

Na porta o terno caxeiro,
Est'a fita-la co'amor:
Passa outro, já suspira
— Um coração de vapor.—

Sempre a vereis na janella,
A fingir medonha dor,
Lançando olhares a tóa
— Um coração de vapor.—

Nô baile! ah! meus senhores!
Merrinack! sim senhor!
Acommoda quanto existe
— Um coração de vapor.—

Namorando sem ventura,
Vem a velhice, que horror!
Alfim eis "tia" no canto
— Um coração de vapor.—

Borboleta que esvoaça,
Sem parar de flor em flor,

E por fim morre exangue

— Um coração de vapor.—

Assim não queiras, ó bellas,
Passar pelo dissabor,
De te dizerem que tens

— Um coração de vapor;—

Que não achastes um noivo,
Por não poder ter amor,

Quem atroz no peito encerra

— Um coração de vapor.—

J. C. T. J.

Mangaratiba, 1869.

Na tarde de 11 do passado, achando-me na praça de D. Izabel, fui, sem o esperar, agredido com palavras offensivas por Paulo Pedro da Silva.

Procurei o recurso legal e obtive a condemnação do mesmo a tres mezes de prisão e multa correspondente a metade do tempo por sentença da subdelegacia de Sant'Anna.

N'este pé, o Sr. Paulo recorrendo a intervenção de muitas pessoas de minha amizade, dirige-me uma carta na qual retrata-se, confessa-se arrependido e appella para minha benevolencia, carta essa que se acha appensa aos autos.

Não me comprazendo o soffrimento de ninguém, principalmente de um homem pobre como eu, e de mais cheio de filhos, sendo meu fim unicamente fazer respeitar o meu direito, renunciei a toda a acção que me confere a lei, perdoando ao referido Sr. a pena que lhe foi imposta, desejando unicamente que a experiencia lhe aproveite.

Bahia 12 de janeiro de 1871.

J. M. de Souza.

—V. gosta de fructas peccas.

—Fazem indigestão.

—Como não gosta, o caso é outro.

Aquelle *fashionable*, reclinado em seu diván, todo pendido para o lado da cuja, apregoa a pureza de costumes da mesma. Olhe para baixo da meza.....

—Muito natural; quer por obras confirmar o que affirma por palavras.

—Honestidade.....

—Por *tel-a* muita gente em demasia, é que o mundo anda tão empanzinado della.

A certo avarento.

SONETO.

Maldito seja, seja excommungado,
Aquelle horrendo misero jarreta,
Que cheia de dobrões tendo a gaveta
Nem um real somente ha emprestado!
Permitta o ceu que a moça e o creado
Algun furto lhe façam com tal trêta,

Que o miserrimo vil como escopêta,
Arrebente de estouro exasperado.
Veja emfim por castigo derradeiro,
Quando estiver já quasi moribundo,
A festa que se faz ao seu dinheiro.
E padecendo as penas do profundo,
O diabo lhe conte como o herdeiro,
Vae esbanjando os cobres cá no mundo.

Sr. X.—Sua segunda carta foi entregue hoje 13 de janeiro e lida em presença do carteiro que a trouxe. Quanto a primeira, meu charo, parece que evaporou-se. Mandou-se ver no correio e não deram solução. O melhor meio de corresponder-se é deitando por baixo da porta.

- Acção mesmo de gallego!
• Metteu o infimo bruto as mãos no caixei-
rinho, e o atirou no meio da rua!
—O que deve dar o burro sinão couces?
E é seu patricio, quanto mais si o não
fôra!
—O atrevimento deste lapuz só hade ser
abaixado, quando o muxingueiro lhe escovar
as bitaculas até elle implorar a intercessão
de S. José.
—Ou então fazer-lhe *das costas* bigorna
de algum *ferreiro*, para elle saber si é bom
atirar á rua n'esta posição um menino!
—Veja na esquina que nome tem essa rua?
—O letreiro está *en-coberto*.
—O numero?
—Lembre-se dos annos de Christo.

Pede-se ao Sr. *Frouxo* sub-arrenegado em certa freguezia, cujo districto não é o *primeiro* que fica á beira dos *mares*, o favor de declarar onde existe a menina Virginia, orphan, de cuja desgraça é S. m. o unico author, assim como o é de muitas outras, entrando neste numero uma que morava no *Circulo da fortuna*. S. m. deve dar uma explicação sobre o destino dessa desditosa menina, cuja deshonra cavou.

Não pense que é desconhecido aquelle tenebroso drama praticado em agosto p. p. por S. m. coadjuvado pelo seu *camarada* ou companheiro *Ze Piroca*, o qual brevemente hade ser communicado a quem pode tomar conhecimento.

A vaidosa.

Mariquinhas foge á sala,
Onde em lisonjas se exalta,
Corre ao seu quarto anciosa,
Quasi aos pulmões ar lhe falta.

Acode a experta creada
A' voz da bella menina,
Indagando a triste causa
Dessa afflicção repentina.
—Ai! Julia!... Julia, que aperto!...
Afrouxa-me este espartilho!...
Eu me suffoco... ai! receio
Expirar *de afogadilho*.
—Sinbásinha está tão linda!...
Mas emfim... dá tantos ais...
—Oh! espera... estou bonita?...
Em tal caso aperta mais.

VARIEDADES.

Duas moças e uma velha.

Lucinda e Aurelia, moças de vinte annos, tinham sido companheiras de collegio, e eram intimas amigas, o que não impedia que fossem ao mesmo tempo rivaes furiosas em campanhas de namoramentos.

Lucinda era muito mais bonita que Aurelia; em compensação porem esta se recomendava por vinte contos de reis de dote, emquanto a outra tinha por unico dote seus bellos olhos azues.

Por ultimo Lucinda havia feito a conquista do mais ardente apaixonado no senhor Manuel de Braga, ex-caixeiro e recente negociante de *retalhos*.

Lucinda já calculava com casamento proximo, quando Manuel de Braga, tendo noticia dos vinte contos de Aurelia, concebeu a esperanza de tornar-se, á custa d'elles, negociante de *atacados*, e, sem vergonha nenhuma, mudou o rumo do seu amor e mesmo á vista de Lucinda namorou com Aurelia.

Aurelia zombou da amiga e esta jurou vingar-se.

Lucinda teimava em querer casar com Manuel de Braga, e para dar boa lição a Aurelia e livrar-se da rival, entendeu-se com outra sua amiga, a senhora Bonifacia, a viuva mais feia desta terra, sessenta annos de idade, e sessenta contos de fortuna, um sacco velho cheio de dinheiro.

Bonifacia recebeu a confidencia e o empenho de Lucinda, e comprometteu-se a servil-a, obrigando-se primeiro a namorar Manuel de Braga e a roubar-o ao amor de Aurelia; e depois de conseguido isso, convenceo de que lhe convinha casar com Lucinda,

Em poucos dias Aurelia sentiu mudança nos modos de Manuel de Braga, em poucas semanas foi desprezada por elle.

Manuel de Braga estava doudamente apaixonado por Bonifacia, porque já se imagi-

nava negociante de fundos publicos e director do Banco.

Lucinda, que por sua vez rira muito de Aurelia, correu a Bonifacia, e observou-lhe que era tempo de abrir os olhos de Manael de Braga.

—Oh! disse Bonifacia; elle já os tem sufficientemente abertos: não preciso que os abra mais.

—Então.....

—Dona Lucinda! é verdade que Dona Aurelia tinha rido muito de você?....

—É verdade; mais ainda ha dous dias...

—Você rio-se muito d'ella; sim?...

—Muita....a não poder mais....

—Pois agora chegou a minha vez.

—Como?....

—Rio me de vocês ambas....

Porque?

—Caso-me depois d'amanhã com o Manoel de Braga.

Scena horrivel.

Um periodico de Sevilha relata um horrroso successo, que ha poucos dias teve logar na villa do Castello das Guardas.

Em uma casa de quinta, situada no termo d'aquella villa, vivia uma familia, que agricultava as terras da dita quinta, e que tinha conhecimento com dous conjuges ciganos, á quem dava hospitalidade nas suas expedições por aquelles sitios, onde se occupavam em trocas, compras e vendas de cavallos.

A esposa do lavrador deu á luz uma criança, e os ciganos offereceram-se para padrinhos.

O offerecimento foi aceito; no dia designado, dirigiram-se os novos compadres para a parochia da villa, e a esposa do lavrador ficou em casa acompanhada da cigana.

Logo que se acharam ambas sós, a cigana puxou de uma pistola, e apontando-a ao peito da comadre, intimidou-a a que entregasse immediatamente quanto dinheiro possuísse, ameaçando-a com a morte, ao primeiro signal de resistencia que fizesse.

Esta com uma rara presença de espirito, indicou a cigana uma arca que havia no quarto immediato, assegurando-a de que alli acharia o dinheiro que reclamava.

A aggressora penetrou no quarto designado, e quando se occupava em dar busca á arca, foi fechada dentro della pela lavradóra, que, attendendo só ao perigo que a rodeava, se levantara do leito sem que a cigana o presentisse. Armada com a espingarda do marido, chegou-se á janella, ameaçando a cigana com um tiro, se intentasse forçar a fechadura da porta, e lançou a vista pelo campo a

ver se passava alguem que a auxiliasse em tão apurada situação.

N'este entrementes regressavam os compadres com o menino já baptisado, e tendo encontrado uma patrulha da guarda civil, que seguia o mesmo caminho, encorporaram-se a ella.

O cigano, que levava ao collo o afilhado, receioso do que podesse occorrer ou já tinha occorrido, adiantou-se, sob o pretexto de ir avisar a comadre para que preparasse alguma *cousita*.

Chegando á casa, e vendo a comadre á janella, ordenou-lhe que abrisse a porta sem demora, jurando que si o não fizesse mataria o innocente que levava nos braços.

Aquelle monstro ouvindo uma recusa formal, teve coragem de realizar a infamia com que ameaçava a triste mãe, que cedendo ao maior dos desesperos, disparou sobre elle a espingarda, deixando-o sem vida junto ao cadaver do seu tenro filhinho.

O estrondo do tiro fez acelerar a chegada do marido d'aquella heroina e dos guardas civis, que em breves momentos presencaram na porta da casa o spectaculo do crime e da sua expiação immediata.

A lavradora abriu logo a porta, e disse aos guardas que a cigana estava fechada no mencionado quarto.

Um d'elles subiu immediatamente para se apoderar della; mas inda bem não tinha corrido o ferrolho da porta, quando recebeu no peito a bala da pistola com que estava armada aquella furia.

O outro guarda, vendo o seu companheiro cahido por terra, fez fogo sobre a cigana, que succumbiu sem soltar um grito.

FICAM ELLES RICOS, OU BEMAVENTURADOS?

O bem intencionado, prudente e summamente economico rei da Suecia, Carlos XI, que rigorosamente fiscalisava os reditos de por continuas guerras, exaustos estado, no qual durante seu reinado (desde 1672 até 1697) provocou alli uma nunca vista prosperidade geral, costumava dizer: « Si meus empregados publicos não ficarem bemaventurados, ao menos não ficarão ricos.»

Ficaram os fornecedores e muitos dos que estiveram empregados na desastrosa guerra do Paraguay, que exauriu o thesouro e muito endividado deixou o paiz, *bemaventurados* ou *ricos*? Responda quem o sabe.

O ESCRAVO FUGIDO.

Seneca Junios, conta no capitulo 8.º de seu admiravel tratado « *De animi tranquillitate* »

(da quietação do espirito) que o philosopho *Diogenes*, tinha um escravo, chamado *Manes*. Quando este um dia fugiu e avisaram a seu senhor do lugar para onde tinha recolhido-se, afim de que o buscasse, respondeu o philosopho com sua flegma vulgar: «Quando *Manes* pode viver sem mim, seria uma vergonha si eu não pudesse viver sem elle.»

Pensarão muitos de nossos senhores de escravos como *Diogenes*, quando o muito lustroso não remoto dia raiar, em que a escravidão tambem aqui, como na esclarecida terra de Washington e Franklin ficar abolida para a gloria e o timbre do Brasil e da illustração do seculo XIX???

—Senhor! Não se passa por diante d'uma Senhora encomodando-a; é mostrar que não tem educação.

—Tenho sim Sr., e muita.

—Então porque a não usa?

—Porque usando a, gasta-se e eu quero ter muita educação.

Aturem-o, si são capazes.

O amor da mulher não existe sem o temor, quer ella ame physicamente aquelle de quem tem medo, quer ella tenha medo de tudo por aquelle que ama, medo de desagradar-lhe, de perdê-lo, de partilhá-lo; o medo é inseparavel do amor na mais activa como na mais terna: medo de uma muito pesada mão, de um coração muito leviano. Quando este temor não existe mais, o amor da mulher cessa em breve de existir.

Aquelles que mais gritam contra a REGRA são quasi sempre os mais indolentes escravos do HABITO.

Mirabeau louvava em presença de Siéyès as mortes, bellas sem duvida, mas um tanto theatraes, dos heroes da antiguidade.

—Admiro tambem esses heroes, lhe diz Siéyès; mas um grande orgulho os sustentava; sabiam que os olhares de um povo pesavam sobre elles, e podiam desde então ouvir os elogios da posteridade. Sei de uma morte em que entra talvez ainda maior força d'alma e grandeza: porem com muito mais simplicidade.

—Qual? pergunta Mirabeau.

—E' a morte do pobre soldado que a metralha mutila no campo da batalha, que é lançado em uma carretta cujos salavancos lhe causam horriveis soffrimentos, que é abandonado em um hospital onde não encontra um cirurgião para o curar, um pedaço de panno para fazer parar o sangue, um

copo d'agua para estancar a sede; que vive e morre obscuro, longe dos parentes, longe dos amigos, sem consolação, sem soccorro... e que morre sem queixar se.

— Talvez tenhaes razão, diz Mirabeau.

—Quando se parece um medico com um cavallo?

—Quando tem de sangrar alguém, porque procura a veia.

—Que differença ha entre o jogo do solo e a sahida dos noivos da igreja onde se casaram?

—E' que o solo joga-se com feito e nas bodas jogam-se confeitos.

ANNUNCIOS.

—Rapazeada, então não se vae no domingo ao Bomfim?

—Pretendemos.

—E aonde pretendem tomar a bella pinga?

—No lugar mais aprazivel.

—No Poço, não?

—E' verdade; no botequim do Christovão, que é onde vende-se a melhor pinga.

—Assim dizem, e nós tencionamos experimentar.

—Sim, façam gasto ao Christovão

Que é um rapaz divertido,

Satisfaz-se quando o freguez

Que lá toma é bem servido.

Aula Primaria.

O professor Candido Ricardo de Sant'Anna, declara aos Srs. paes de familia, que a sua aula de primeiras letras, defronte da matriz de S. Pedro, acha-se aberta desde o dia 9 do corrente mez.

Bahia 11 de janeiro de 1871.

—No domingo, o Garibaldi apresentará uma rica mesa redonda, contendo todas as qualidades de eguarias appetosas

—Rapazeada, ao hotel Garibaldi na Baixa do Bomfim!

—Ao Garibaldi..... ao Garibaldi!.....

Na ladeira de S. Roque, 2º. portão á direita quem sobe, precisa-se de lavadeiras e engomadeiras; paga-se bem.

Aos apaixonados.

Breve sabirá a luz as novas modinhas intituladas —Os dous anjos— logo que estejam promptas indicar-se-ha os pontos onde será exposta á venda.

O ALABAMA

—peródico critico e chistoso

SERIE 75.ª

SEXTA-FEIRA 20 DE JANEIRO.

Ns. 742—745.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 47.

ASSIGNATURAS:—1.º rs. por serie de 10 numeros; 5.º rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 19 de janeiro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo lhe que tome em consideração o seguinte, por ser objecto de utilidade publica:

Ha em S. Miguel um moço que diverte-se em trocar moedas de dez réis, mandar chamar moleques e da janella atirar as taes moedas para vel-os correr sobre ellas. E' um chamariz que faz affluir uma malta desenfreada de moleques, não só escravos, como livres, cujos senhores e paes lhes dão relaxada educação.

Depois de estropiarem se mutuamente acabam o brinquedo sempre em pedradas.

Ha pouco mais de 15 dias um delles teve o arrojo de dar uma cacetada pelas costas em um soldado de policia, o qual foi impotente para repellir por ser rapazinho.

No sabbado, porem, ao entrar em sua casa uma mulher moradora nessa rua, recebeu uma formidavel pedrada que a prostrou gravemente e cujo ferimento aggravou-se por ter sahido á rua na quarta-feira, podendo ainda tornar-se um caso fatal.

Por tudo isto, espera-se que S. S. não só faça advertir ao referido moço para que cesse no seu pernicioso passa-tempo, como tome as medidas adequadas a obrigar aos paes e senhores dessas malignas creaturas a não creal-os na rua.

—Ouça isto que é de algum alcance.

—Deita duas milhas?

—Si quer me ouvir ha de ser calado.

—Pois não, meu amavel.

—No dia da festa do Senhor do Bomfim, um inglez entrou no templo e foi até a sachristia. Observando a extraordinaria venda-gem de medidas que se fazia, o aqodamento que reinava no povo para obtel-as, o ajuste e regateamento no preço; conforme a largura de

cada uma, encaminhou-se para o encarregado e perguntou:

«—O' tem tambem cerveja?

«—Não, aqui só se vende medidas, respondeu-lhe o vendelhão das taes fitas.

—E' um uso que o interesse pecuniario plantou na religião catholica.

A mira no lucro certo faz, que em qualquer recinto sagrado se mercadeje com essas bu-giarias de anneis e fitas; o estrangeiro que ignora essas cousas, confundiu a sachristia do Bomfim com alguma casa de negocio.

—E houve logo ali quem o chamasse de bruto e impio.

—Na verdade, é bom chamar antes que te chamem.

—Capitão, acha-se preso um sargento da curveta *D. Januaría*, por ter pedido licença ao immediato para vir á terra, no domingo do Senhor do Bomfim, e consta que vac responder a conselho.

—Essa é boa!

—Dizem que está algemado e carregado de ferros.

—Conte-me este facto minuciosamente.

—Espere V. Ex. um pouco, enquanto eu vou informar-me diretamente das circumstancias que para isso occorreram.

—Dizem que a lavagem do Bomfim é uma bacchanal, um desacato a divindade de Deus. Ao menos, hoje, é praticado de portas afóra. Eu acho mais torpe e desconceituador isto.

—Isto o que?

—Esté sordido commercio de medidas e registos dentro do templo; este regateamento de preço como si fosse freguez e mercador a ajustar o valor da mercadoria; esta imposição repulsiva de 5.º rs. por cada registro....

—Essas e outras são que trazem a descrença ao povo, e que perdem a religião em sua pureza e simplicidade.

Para fazer-se uma festa coberta de esplendor e cheia de galas, é preciso mercadejar até com a Effigie de Deus!

—Si o motivo que dita a distribuição dos

registos é o espirito de devoção, é o desejo de que todos possuam em retrato, a semelhança do Senhor, mandem estampar registos simples e baratos e reparta-se gratis com os fieis, si é que a receita da irmandade dá para tanto; mas não mandem colorir e doirar floridas e tarjadas estampas, para offerecer ao barão de tal, ao commendador Beltrano e impôr ao povo, sempre credulo, o pesado onus de 500 rs.

Esse trafico impuro é por demais ascoroso, praticado ante as aras de um Deus de bondade e munificencia.

—Mas que quer, meu charo?

O Senhor do Bomfim precisa de dinheiro para seus gastos, e até creio que já deve ao thesoureiro.

—As festas do Bomfim dão logar a muito episodio importantissimo.

—Ha uma miscellanea de cousas!

Si aquelle Itapagipe tivesse bocca para relatar o que nelle se passa durante esses dias...

—Eu sei de um caso que não é dos menos interessantes.

—Para que guarda?

—Digo já.

Madame Maria Douguée foi estabelecer-se com botequim na ladeira do Bomfim, conservando em sua companhia duas jovens meninas suas filhas.

Certo caixeirito afreguezou-se da casa; mas seu fito não era saborear os petiscos preparados pela Sra. Douguée, tinha vistas mais largas; queria regalar o paladar por forma mais exquisita.....

A' noite de segunda-feira entrou pelos fundos da improvisada hospedaria. Enquanto a mãe aviava aos freguezes pela frente, elle, por detraz, estava em acção de fazer a charidade a uma das meninas:

O diabo, que nem sempre ajuda aos seus, permittiu que uma turma de capadocios observasse a traquinada que fazia o rapaz e tratasse de *desmanchal-o*, o que foi feito debaixo de uma estrepitosa surriada que fizeram o melcorio sahir vendendo azeite ás canadas.

—Este cujo si não fosse *caixeiro*, podia ser *aguiá* na audacia.

—Esta terta *americana* está tão cheia de seductores, que pertubam o *augusto* lar da familia.

—A lotação deste carro não é para 20 pessoas?

—E'.

—E como deixam embarcar se 26?

—O mais é gente de casa.

—Aprendi mais esta!

Os empregados dos Vehiculos não pesam nem fazem numero!

Depois de um carro cheio, pode se encartar nelle quanta gente de casa houver, que não faz differença.

—Mas eu ouço dizer que de casa são os ratos.

—Porque não se varre a rua do Areial do Baixo?

—Nada mais facil de responder; porque o homem da limpeza não quer.

—Fortuna só assim!

E' sujando as ruas, que a empresa da limpeza da cidade adquire jús a um augmento de 6:000 rs. no fim do anno!

—E não ha nada como tudo mais é historia.

—Vê que gente petulante é a do olho-vivo?

—O que ha?

—Pois não se arrojam a abordar um *bond*?

—Venda este peixe mais barato.

—Ha de ser por este preço mesmo.

Um carro parou na Mangueira, não sei porque coincidência; a troça do olho-vivo estava ali e invadiu-o de tropel.

—Sem ir de passagem?

—Que duvida.

Um dos passageiros bradou, que eram gentes do olho vivo, e elles aproveitando-se deste pretexto safaram grandes facas de ponta, e de grossos cacetes empunhados ameaçaram a todos que alli iam com infamantes insultos, declarando que apparecesse quem tinha fallado em olho-vivo para ver o que lhe acontecia.

A confusão e alarido foram extraordinarios; os passageiros vendo que o fim daquella horda era fazer desordem para roubar, trataram de segurar nas cadeias de seus relógios, afim de garantil-os contra alguma gymnastica.

A sortida não vendeu, porque ninguem respondeu-lhes; retiraram-se em procura de empreza mais proveitosa.

—Si V. garante a veracidade, vou communicar ao chefe de policia e pedir-lho que trate de cortar o mal pela raiz, porque os exemplos são contagiosos, e a audacia de semelhante castela pode leval-a a uma tentativa mais audaz.

—O pavimento que serve de quartel ao destacamento da secretaria da policia é um logar porco e nauseabundo.

As paredes estão denegridas, o chão esburacado. A tarimba tem lodo; é um viveiro de muquiranas e persevejos. Quem entra ali para ver um preso sabe contaminado e impregnado de bodum.

—Estou quasi a vomitar com tanta porcaria.

—Uma pequena cifra seria sufficiente para acciar aquillo.

—Mas ha tantas outras cousas em que se gaste o dinheiro da provincia que essa despezas, por diminuta que seja, não é possível fazer-se.

—A gerencia dos Vehiculos parece que anda um pouco estamagada com V. Ex., capitão.

—Não lhe vejo razão.

As censuras e observações que lhe são feitas, parece-me que devem lhe aproveitar, porque sendo rasoaveis ella as deve aceitar, e não sendo em nada lhe pode prejudicar.

Eu não sou dos pessimistas. Reconheço que os Vehiculos Economicos trouxeram melhoramentos a esta terra, facilitando os meios de transporte.

Antigamente para não se ir a pé ao Bomfim dava-se 4^{rs} ou 5^{rs} a um preto de cadeirinha; depois vieram as gondolas Ariani, com seus salavancos e mais inconvenientes; hoje faz-se uma viagem suave e modica. Mas não é isso que isempta a direcção de faltas imperdoaveis, merecedoras de severa censura.

Ora diga-me, porque no dia da festa do Bomfim a gerencia havia de dividir as viagens de Itapagipe das da cidade, recebendo cinco tostões por cada uma, sem prevenir ao publico antes? Não é isso ter em menos-preço a opinião? Não ha ali engano ao povo? Eu, por exemplo, que dei meus 500 rs. julgando ter condução até Itapagipe e que chegando no Bomfim vi-me em secco, não tenho razão de queixar-me?

—Com todo direito.

—Pois aqui está! Como esta, são outras muitas faltas censuraveis que commettem.

Eu creio que na pontualidade, exactidão, boa fé e regularidade com que uma empresa dessa ordem desempenha seus compromissos, é que está a base de seu credito e prosperidade.

—A companhia do olho-vivo fez as todas!

Depois do fogo do Bomfim, houveram chapéus arrebatados, rozarios de ouro cortados etc., no ponto dos Vehiculos.

—Um meu camarada ficou sem o chapéu da cabeça e com o trancelim partido; felizmente não poderam levar-o.

—Hontem, 19, foi atacado um moço que se dirigia a cidade.

No Fortinho um sujeito perguntou-lhe se ia para a cidade e si lhe fazia o favor de entregar uma receita na drogaria Camará.

Accedendo ao pedido, convidou-o a que entrasse em quanto o despachava; appareceu um crioulo de algodão nos ouvidos fingindo ser o doente para quem era o remedio. Depois entrou um outro fallando hespanhol propondo vender bilhetes da *loteria de Hespanha*.

Como o homem ou por não levar dinheiro, ou mesmo não quizesse de maneira alguma jogar, tentaram a força arrebatá-lo a cadeia e o relógio.

Achava-se ali o preto *Vapor*, sabido da cadeia ha pouco, Antonio dos Invalidos, Manuel Desiderio e outros.

—E' bom quo o Sr. Dr. chefe de policia saiba dessas gentilezas.

—Deu-se um caso funesto no vapor da companhia de Vehiculos, na viagem das 10 horas, de Itapagipe para o Bomfim, no dia 18 do corrente.

—Talvez seja um que ja chegou ao meu conhecimento por via do agente de nossa policia secreta, alli residente; mas em todo caso conte-o.

—Um moleque escravo do Sr. Antonio Francisco dos Santos, de 12 a 13 annos de idade mais ou menos, trepou-se entre dous *bonds* da locomotiva, com as pernas abertas.

Ao chegar o vapor no ponto da Madragôa, no acto de parar, uma das pernas do moleque ficou entre os *bonds*, e quando elles esbarraram, arrancaram-lhe as carnes da perna, ficando todo o osso descoberto....

—Jesus! E todos os dias estão se dando destes casos, sem que a companhia empregue os meios de os evitar!

—Na terça-feira, as 6 horas e 40 minutos segniam dous *bonds* da cidade para o Bomfim.

O da frente ao chegar ao ponto da botica, na Calçada, parou para saltar um passageiro; o de detraz porem continuou a andar e foi com a lança sobre a plata-forma do outro, arrebatando toda a *droga*, resultando que, além do susto causado aos passageiros, um dos que estavam na plata-forma, indo pular, cahiu deslocando uma perna!

—Tambem na quarta-feira, no *bond* que veio do Bomfim as 11 horas da noite, um caixeiro da companhia, indo pular de um *bond* que seguia do Bomfim, sem ter este parado, precipitou-se de peitos sobre umas pedras, e levou alguns minutos sem sentidos, resultando-lhe além d'isso ficar com uma brecha na cabeça.

—Em que logar se deu este outro facto?

—No desvio dos Mares.

—Mas isto foi devido a imprudencia do caixeiro.

—Assim como tambem foi imprudencia do coxeiro metter o *bond* sobre o outro.

—Não nego isso, acho até que elle deveria ser punido.

—Neste ponto entenda-se lá com a companhia.

—No Bomfim, um pedaço de carne foi causa de uma facada mortal!

—Que desvario!

—Horas ha em que o diabo anda solto tentando as creaturas.

—Envolve a razão humana nas trevas do erro, para na cegueira do entendimento, conduzi-la pelo caminho da maldade.

Não é crível que a não estar o demonio atraz da orelha de um ente humano, haja quem se lembre de querer matar outro por um pedaço de carne.

—Todavia o rabudo tem um fatal poder!

Sob a malefica influencia do espirito do mal, um tambor do 4.º batalhão da guarda nacional feriu gravemente ao coxeiro Bevenuto, escravo, dizem, do Dr. Freire, com uma facada no dia 17, em uma casa na baixa do Bomfim.

—Só por artes mesmo do tihoso!

—Meu estimavel Sr. do acciaio—á limpeza Deus amou.

—Assim dizem.

—Mas Vm. é um contra-senso; sendo o homem do acciaio parece que tem grande inclinação á porcaria.

—Como se engana!

—Desculpe estes despropositos.

Mas eu vejo Vm. deixar as ruas desta nobre cidade em tal estado de immundicie que sou obrigado a crer que sua predilecção pela sujidade não admittte contestação, ou então que da parte de Vm. ha excessivo deleixo naquillo que é de sua obrigação.

—Pode me convencer o que affirma?

—Facilmente.

Capinaram o largo do Chaveiro do Ceu; o capim e o cisco lá estão amontoados.

—Fei a irmandade quem mandou fazer isso.

—Mas Vm. que pelo seu contracto tem obrigação de aciar os largos e praças, já devia ter mandado remover aquella estrumeira.

—O que custa pouco dá-se bom mercado. O fogo se encarregará de cortar a difficuldade logo que o capim seque.

—Boa ideia para ganhar os cobres!

Ajunta o cisco em qualquer parte, faz uma fogueira e adeus saudades. Venga la plata que somos mortales.

Olhe, desta maneira, infallivelmente Vm.

ha de perder. Aconselho-lhe que requiera novo augmento na subvenção.

—Nisto estou eu pensando.

—Felizmente depois que conversamos, resolveu-se Vm. a mandar tirar o cisco.

—Capitão, V. Ex. não procura saber o que ha de novidades?

—Gosto de andar a par dos acontecimentos.

—Então deixe-lhe communicar um que estou certo não teve noticia.

—E' provavel.

—No dia 9, um moço que dizem ser estudante do 4.º anno de medicina, armado de espingarda, accommetteu uma casa no Rio de S. Pedro, arrombou a porta da rua, invadiu a habitação, e dispunha-se a arrombar um quarto, ameaçando atirar no dono da casa, suppondo que dentro d'elle se achava encerrado.

—Imprudente!

—O caso é que dizem que estavam em seu estado normal; assim como que é useiro e viseiro, pois não é a primeira vez que pratica eguaes façanhas.

—Provavelmente foi uma nuvem passageira.

—E' verdade; apasiguada a desordem nem mais nella se fallou, embora o aggressor tenha ameaçado de voltar.

—Eu sei como se arranjam essas cousas quando são praticadas por filhos de certas pessoas.

—Logo que Adão abusando das ordens de seu Creator, comeu o fructo que Eva lhe deu, a innocencia desapareceu do mando; o homem conhecedor do bem e do mal comprehendem que tinha necessidade de cobrir seu corpo.

Mas n'aquelle tempo ainda não haviam fabricas de tecidos, e por isso usou de algumas folhas com que resguardou certas partes aconselhadas pelo pudor.

No domingo porem, quem passasse pelo Fortinho ás 9 horas da manha teria de presenciar um individuo no estado em que andava o homem quando no mundo não havia malicia.

Esse spectaculo afflictivo aos olhos da decencia, tomava um caracter despertador da curiosidade publica, provocada como era a hilaridade pelas bravatas dos agentes da força publica, os quaes não só deram causa a que o homem, estrefegando o traje, ficasse reduzido a completo estado de nudez, como levados por indesculpavel imprudencia entilaram-no em um braço.

-- Um homem ebrio prende-se com geito; mas a policia não entende assim; por força ha de se dar esses espectaculos indecentes.

A PEDIDO

-- Capitão, venho lhe dar parte de um procedimento estúpido e grosseiro.

-- Andecom isso.

-- Uma irman recolhida de certa *terceira ordem*, vive do seu trabalho de fazer flores e capellas. Recbendo uma encomenda para dar impreterivelmente no dia de Reis, só na vespera ás 8 horas da noite ponde concluiu a.

Si não entregasse perdia o trabalho.

Dirigiu-se ao *caminhador* pedindo que lhe abrisse a porta, expondo-lhe a razão que tinha para sair e que para não encommoal-o iria dormir em casa de uma conhecida.

O *caminhador* porém não querendo attender, por uma simples observação que lho fez a senhora, passou a maltratá-la brutalmente com pancadas e si não é o homem dos badalos que a vem tirar das unhas do machacaz muito tinha ella que soffrer.

-- Mas qual é essa ordem que eu não sei?

-- Valha-me S. Domingos, que pressa, capitão!

-- Os gritos d'aqui d'el-rei chamou a attenção publica e ajuntou muito povo na porta, julgando que eram os santos que brigavam lá por dentro.

A pobre senhora ficou com a capona em tiras e com uma argolla das orelhas de menos.

O tal *caminhador* é o primeiro a infringir o regulamento da ordem por que habita com uma concubina, dentro della, o que é formalmente prohibido.

-- Va V. mesmo aos que dirigem atal ordem e participe-lhe a acção indigna de seu *caminhador* para que o reprehendam.

-- Mas capitão, elle anda se gabando que os mezarios approvam tudo que elle faz.

-- Historias; são pêtas do *gordinho*.

-- Desgraçado do homem que perdeu a vergonha!

Dudú, sapateiro, morador na rua da *castanheira* é um homem d'esses de vergonha perdida.

Na terça feira a amasia d'esse cão, entendeu passar uma desandadeira em uma moça donzella que mora fronteira, e n'essa occasião, passando um homem circumspecto e de consideração, dirigiu-se a porta de *Dudú* e o reprehendeu, por consentir que a sua amasia injuriasse assim á uma senhora que pelo seu estado está muito superior a ella.

Dudú, depois que o homem retirou-se, sahio com um papel e foi de porta em porta pedir que lhe attestassem a sua conducta, afim de mostrar a autoridade, a maneira por que era tido pela visinhança.

-- E os visinhos attestaram?

-- Essa fortuna não tive eu, porque talvez que quando *Dudú* entrasse em casa da autoridade com seu papel, fosse dar um passeio até a casa de *caxorros*.

-- E era bem feito, para não ser soberbo.

-- Elle deseja saber quem o botou no *Alabama*.

-- Tambem elle deseja defender-se de seus actos nas columnas do mesmo periodico.

-- Dizem isso. Formiga quando quer perder-se cria azas.

-- Capitão, o tratante do meu *patricio* com a esporada que levou do *Alabama* bufou como balêa.

-- Que metta o dedo nas guelas e se esgane.

-- O patiforio blaterou como um algarvio; descompoz, bradou, uivou como um cão damnado.

-- Pobre e rasteiro animal!

-- O safado está affeito a linguagem dos açougues; neste genero ninguem lhe leva a palma e por isso da porca bocca deixou cabir tudo quanto de nojento e repugnante tinha engorgitado no coração, contra aquelles que na sua escaldada phantazia lhe pareceu ser autor da sarabanda que levou.

-- Ora que bruto!

-- Apanhou tudo que havia nos monturos pretendendo emporcalhar aquelles contra quem tinha suspeitas.

-- Que estupidarrão!

-- Disse por fim que não se importava, por que não fazia caso do *Alabama*; pois quem sabia nelle era gente de importancia.

-- Isso mesmo é cavaco.

Forte azemolaf

Ha duas maneiras de sair no *Alabama*; praticando actos meritorios e por isso recebendo merecidos encommos; ou os tratantes, devassos, ladrões, e hypocritas.

Isto é ou a virtude exaltada, ou o vicio estigmatizado.

Na primeira condição é muito honroso; mas na segunda em que entra o bandalho do meu *patricio*, não é cousa que hisongeie.

-- Neste caso, como elle não faz caso, mande V. Ex. o muxingueiro defronte da ponte dos paquetes arrumar nova remessa no biltre do meu *patricio*.

-- E depois esfolar *Maxixes* em *Guimarães*.

—Antonio, o Firmino disse-me que em Santo Amaro servias de peito-largo.

Que recebestes certa quantia para espancar um doutor; razão porque viestes de lá corrido á unhas de cavallo.

—Tomara eu ouvir elle dizer.

—Fecha esta bocca, burro!

Tambem outro dia andastes blasonando pelo Caes Dourado que querias saber quem te mandou para o Alabama para fazer e acontecer.

—E' verdade.

—Mas o que farias, sendeiro? só si fosse cederes o costado para nelle te pespegarem uma sella de patente.

Olha, bruto, não andes a te fazer de mel porque as abelhas te lamberão.

Tu bem sabes as culpas que tens no cartorio.

—Capitão, os homens reuniram o congresso e houveram grandes discursos relativamente as candidaturas; quem mais orou foi S., fallou muito bem, e sempre andando em balanço, como gente do mar, no calor da discussão os cabellos se desconcertaram e, como possesso, deu um grande murro sobre uma meza e gritou a bom gritar:—si N. entrar eu saio.

Um dos patuscos ouvintes gritou:—indireita os cabellos, «ao que de prompto o S. com voz terna e maviosa respondeu:—não importa que elles se percam, são restos de uma belleza inutil,» isto disse e sentou-se qual Echo apaixonada.

O esclarecido congresso attendendo ao estado de prostração em que estava S., disse, apresente seu candidato. S quando tal ouviu ficou outro, levantou-se com rapidez e disse com muita graça: (o que lhe é natural) não... tem... duvida... o candidato que eu apresento é o meu C. que tirei-o d'entre cataplasmas de macella gallega, polvora e mil drogarias, em fim será o nosso Dulchamara.

A' vista do que o congresso mandou que o tão preciso C. subisse a tribuna.

C., alto, magro, macillento, por ter duas quebraduras, com palavras mastigadas disse: eu... eu... eu... agradeço a honraria, e apresentou seus projectos, em um d'elles tratava de uma letra sua das antigas que já offereceu por ella 150,000 na socied....

Não... tem... duvida, disseram todos, o homem serve.

P. conservou-se sempre callado, e taciturno; só o que disse e baixinho foi: «este meu compadre sabe muito, não parece homem que já comeu nas bandejas, porem aquelle andar.... aquelle botar do chapéu, já lhe tenho dito;

mas elle é teimoso. Agora tenho dous cachos; mas tudo é de balde; porque....»

P. tambem se conservou callado, e a tomar notas, depois levantou-se e deu o braço a P. e sabiram rindo se, risadas de gente rica.

S. ficou e de novo orou, fallou palavras bonitas, disse: «agora, rapazes, mãos a obra, união e mais união, d'ella é que vem a força, sejamos unidos qual varinha na mão de S. Joseph, e continue a ser nossa divisa o—mentir.... mentir....»

Arrumadinho ao canto do salão, e calladinho se conservou o Sr da Picada, sempre com seu ar simplorio, e de mansinho foi sabendo, e nas costumadas distrações foi dizendo: «fazem destas ao depois me chamam fallador. C. já é candidato, e apoiado por taes melcorios!!.... Aqui ha cousa.

Caixa Reserva Mercantil.

Em consequencia do decreto n. 4456 de janeiro de 1870, ficou a direcção reduzida a 4 directores, e á vista de tal alteração dos estatutos consta-nos que a illustre direcção achou logico e honesto que a eleição seja feita no todo, para o que vae convocar os accionistas para se reunirem em assembléa geral ordinaria em um dos dias deste mez.

A vista do que lembramos aos Srs. accionistas os muito honrados e intelligentes negociantes abaixo declarados, para os seguintes cargos:

DIRECTORES

Os senhores:

Antonio Francisco de Lacerda.
Joaquim José da Fonseca.
Joaquim Fernandes Ribeiro.
Candido Augusto Pires de Aguiar.

SUPPLENTES

Os senhores:

Domingos Fernandes Moreno.
Alexandre Dantas.
Joaquim Bessa de Carvalho.
Antonio de Oliveira Barros.

EXAME DE CONTAS

Os senhores:

José Pinto da Silva Moreira.
José Gonçalves do Nascimento.
José da Silva Souza.

Muitos accionistas.

o correio.

Pede-se ao seu mui digno administrador que faça com que os seus subordinados não entreguem cartas e jornaes sinão a pessoas a quem os mesmos são dirigidos.

A companhia do olho-vivo que de tudo quer viver, logo que chegam vapores ahi vão ter e

tirar cartas e jornaes em nome d'aquelles a quem lhes são endereçadas.

O mui digno administrador d'aquelle estabelecimento que vele sobre isto, afim de que constantemente pelos jornaes não veja o seu nome fallado sem razão, nem tão pouco o d'aquelles que lhe são subordinados.

Um prejudicado.

—Capitão, depois de dissolvido o congresso, os homens que nelle tomaram parte se espalharam por toda cidade, e não sei porque quando me encontro com elles me lembro logo das ratazanas que sahem dos canos de Paris, quando se limpam.

Ha poucos dias encontrei seis delles reunidos a contarem uns aos outros o que tinham feito, e diziam; —temos posto tudo em movimento, temos dito só verdades, porem de tudo o que temos feito, o mais engraçado é o que fez o nosso C., que com sua natureza de asucar cand a derreter-se. Então o que fez o nosso Dulchamara? perguntaram os ouvintes a um tempo. Ouçam:—C. não tinha confiança no homem da rua do mel com agoa; lembrou-se que N. tem pancada, escreveu-lhe uma carta, na qual fez a festa ao manhozo. N recebe a anonima e mostra ao dito, este lê, e fica pallido; depois fez-se homem, e com suas pernas bambas foi ter com S, e contou-lhe. Este ouviu, e de pé sobre suas curtas pernas, blusa azul da classica baetilha; chapeusinho atirado para traz, assim em posição de astrologo, resmungando fallou:—temos temporal, portanto pinza os papos figos e.... O manhoso pensou que tambem S estava maluco. é senão quando, S virou-se e disse: »sabe que mais? N foi quem forjou tal carta para amedrontar o Sr. e vêr si assim....

Em poucos minutos a noticia se espalhou; todos os nossos (os que sabiam) fizeram quorum, e por todas as ruas só se ouvia «a anonima é de N, é feita por N, e com isso o manhozo ficou muito crente, e anda a trabalhar qual escravo, a favor do nosso preciso C, e este ri-se a bom rir, e tambem já diz—tenho o meu capacho, só o que me dá algum cuidado é uma letra minha das antigas... que ainda se acha na... e querem que eu pague integralmente. De repente os patuscos se callaram, e só disseram ahi vem. Juntou-se a elles um sugerto, assim com gestos de moriçoca, e foi logo dizendo: « Voces por aqui? Estavam conversando sobre candidatura, não era Srs. marrécos? » Qual! qual disseram todos. Pois ouçam disse o recém-chegado: si eu fosse—F P S, avista do que por ahi dizem, sim dizem tantas cousas, sabem o que faria, faria a eleição no todo.

E a lei? perguntaram os ouvintes. A lei nada diz, mas a honestidade assim aconselha, e não ha duvida que serão reeleitos, a urna lhes servirá de Piscina onde lavaraõ a honra. Qual honra, qual nada! E ainda vem com Piscina! Tudo drogas velhas... Eposeram-se a cantarolar—600 libras! 600 libras, e com tal cantarola o introduso foi-se.

Disse um dos seis, é preciso coonestar-se as cousas, nada vale a eleição, façam-na no todo, e deixem estar que os nossos amigos serão reeleitos. quem faz tudo é a mesa, emprenha-se a urna, o votante nosso amigo que tiver um voto só, bota na lista 3, 4, 5 votos, e assim por diante, e assim é que se fazem todas as eleições no mundo, principiando pela do papa.

Depois da reeleição dos nossos amigos proclamaremos o quanto vale a honra, e o quanto foram martirisados, o fiquem certos que o mundo é assim.

Concluida a conversa, apparece o Sr da Picada, não sei de onde, o que sei é que tudo ouviu, pois foi logo dizendo: a eleição deve ser feita no todo, do contrario vomito tudo, e reduzirei a nada o tão decantado C de vocês, lembrem se do que fiz no Joazeiro. Todos ficaram pasmados e disseram: que homem perigoso!

Capitão eu sei de muitas cousas, que tratarei na 1.ª occasião, desde já previno a N. que tome conta na mesa, o tal Presidente é um melcorio, é um finorio.

VARIÉDADES.

Moeda falsa.

Como estamos em vespera de afogar nos em um *mare magnum* de reformas sociaes, politicas e administrativas, não é muito que eu proponha tambem uma que será gota d'agoa no oceano.

Proponho sem mais nem menos a revogação de todo o capitulo II do titulo VI do nosso codigo criminal, isto é: proponho que a *moeda falsa* não seja mais considerada *crime*.

Tenho boas razões para fundamento da minha proposição.

Em primeiro logar julgo que o publico se acha completamente desnorteado em materia de *moeda falsa*, desde que um notavel estadista reformador declarou, que a emissão de moeda papel pelo governo era crime de *moeda falsa*, e dias depois, entrando para o ministerio, concorreu para se fazer avultada emissão de *papel moeda*.

Ora este facto sem duvida atrapalhou muito o joven ministro, e como sou de opinião que nenhum ministro deve achar se atrapalhado,

revogue-se o capitulo II do titulo VI do codigo criminal.

*
**

Mas as minhas razões não param ali.

Creio que no Brasil é só o governo quem pôde crear moeda nova, e dar-lhe circulação.

Creio tambem que o thesouro publico não pôde dar, nem receber em pagamento moeda que não seja moeda.

Todavia o thesouro publico por amor dos trocos miudos dá e recebe em pagamento bilhetes de 200 rs. dos bonds e não sei se tambem de outras empresas.

De semelhante pratica deve-se concluir que o governo legalizou a circulação dos bilhetes dos bonds.

Isto posto, e não tendo as companhias de carros privilegio para emittir moeda, segue-se que outras companhias, e quaesquer especuladores podem fazer o que fazem áquellas e desfructar as mesmas vantagens, e sendo assim não pôde mais haver crime de *moeda falsa*; por que tal crime não está sómente na imitação da moeda do governo.

Portanto lei igual para todos e viva a liberdade!... quem quizer bata moeda, e ponha bilhetes em circulação.

E' na verdade o melhor dos principios economicos e financeiros.

Assim sobra dinheiro a todos.

Calenbourgs.

—Quando é que Napoleão 1.^o não estava alegre? Quando via o Massena triste (*uma scena triste*).

—O que é que um cantor deve fazer para pescar uma nota aguda? E' subir alto a escala (*a escala*).

—Porque é que o individuo, a quem seja despejado um balde d'agua pela cabeça, deve antes agradecer do que zangar-se com quem lho despeja?

Porque despejar-lhe o balde d'agua é regalo (*regalo*).

—Quando é que um homem se tivesse uma roça seria uma perfeita Penelope? Quando está confuso (*com fuso*).

A TRIBUNA

O ameno anecdotista grego Claudio Acliano, que seus coevos chamaram «*bocca de mel*,» refere em suas interessantes Miscellaneas que o vencedor de Salamis, Themistocles, que sem duvida alguma é um dos maiores, dos muitos egregios e talentosissimos capitães e estadistas, de que a historia das Athenas pode ufanar-se, n'uma occasião disse: «Si alguém mostrasse-me para eu escolher

dois um dos quaes conduzisse a Hades (1) e o outro a tribuna, escolheria eu o primeiro.

Oxalá que pelo futuro muitos pensem aquo como o abalizardissimo Themistocles, afim de que os lastimaveis eleitores não mais fiquem molestados com enchentes de cartas de pedacinhos de votos, nem o povo ainda mais desmoralis do pelas intrigas e corrupções da chusma de candidatos que por força e *per fas vel nefas*, (2) querem introduzir-se como deputados na assemblea geral ou nas provincias.

ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA NA SUECIA.

Apenas 300 annos depois da introdução do christianismo na Escandinavia, cujos primeiros zelozos apostolos, sem excepção morreram como martyres sob as frechas, achas, maços, e curtos e grosseiros sabres de seus barbaros habitantes os intrepididos mas terribes *normandos*, ordenou o rei sueco *Magnus Eriksson* (filho de Erico) segundo o insigne historiador sueco dr. Jacob Ekelund (em 1335), que:

« Para a gloria de Deus e da Santissima Virgem Maria e paz e bemaventurança das almas de seu pai e tio, seria á escravidão abolida em seu reino e rigorosamente prohibido de ultrajar alguém com o nome injurioso de servo.»

Quando imitará o Brasil para honra de sua civilização, da humanidade e de nosso esclarecido seculo o exemplo deste semi-barbaro rei sueco, que viveu nas trevas da idade media?

(1) Segundo Homero uma especie de purgatorio.
(2) Por meios licitos ou illicitos.

ANNUNCIOS.

Sapatos que não doem nos calos, obra feita por fôrmas antigas, fabrica o João de Deus. Quem quizer utilizar-se procure ao João de Deus na rua das Vassouras.

Aula Primaria.

O professor Candido Ricardo de Sant'Anna, declara aos Srs. paes de familia, que a sua aula de primeiras letras, defronte da matriz de S. Pedro, acha-se aberta desde o dia 9 do corrente mez.

Bahia 11 de janeiro de 1871.

—No domingo, o Garibaldi apresentará uma rica mesa redonda, contendo todas as qualidades de eguarias appetitosas

—Rapazeada, ao hotel Garibaldi na Baixa do Bomfim!

—Ao Garibaldi. ... ao Garibaldi!.....

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 75.^a

QUARTA-FEIRA 25 DE JANEIRO.

N. 744.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numero; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 24 de janeiro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelega^o da Rua do Paço, chamando sua attenção para o constante ajuntamento de moleques no adro da egreja do Rosario, ajuntamento que tem por fim o jogo de castanhas e de dinheiro.

—Um enfermeiro do vapor de guerra *Re-cife* deu, na quinta-feira, duas facadas em um marinheiro á bordo do mesmo navio e, para evitar o castigo, escondeu-se de maneira que até hoje não poudo ser encontrado.

—Aonde?

—No fundo do mar.

—Mal sobre mal!

—O motivo que o levou a tão criminoso attentado foi o delirio de uma paixão pouco justificada.

—Cousa que não é rara em tal classe.

—Dizem que antes de commetter o delicto communicara ao guardião do navio que ia fazer uma morte,

—A missão da imprensa não está somente em elogiar; assim como ella elogia os actos bons dos homens, tambem censura áquelles que se desviam da verdadeira estrada porque devem transitar. E' esta a sua missão.

Neste sentido o humilde periodico *Alabama* tem feito a devida justiça a companhia de Vehiculos, censurando-a quando merece, elogiando-a quando disso se torna digna.

E não tem deixado nem por isso de conhecer a grande vantagem que faz ella a população desta cidade, pela facilidade de transporte que offerece, e mesmo pela commodidade de preços porque dá esse transporte.

Porem porque agora tem esta redacção censurado a companhia, não se segue que o Sr. Leoncio nella empregado esteja authorisado a dirigir indirectas aos empregados deste periodico quando ali chegam para se transpor-

tarem para a cidade, como fez no domingo da Guia.

O moço a quem as indirectas e insultos eram dirigidos, teve bastante prudencia para deixar passar a onda da estupidez e da ignorancia.

Além dos insultos e indirectas que o empregado da companhia dirigiu ao referido moço, arrojou se até a dizer que se estivesse no caso do coronel Nicolau teria dado uma facada!

Fique pois sabendo o Sr. Leoncio que ameaças de facadas e cabeçadas não amedrontam, nem nos faz recuar do caminho que trilhamos.

Temos razões para fazermos justiça aos caracteres que dirigem a companhia, e com especialidade ao Sr. coronel Nicolau, com quem, embora esteja presentemente um pouco formalisado com a tripolação, entretemos relações, e chamamos a attenção delles e do Sr. Dr. chefe de policia para o procedimento desse empregado, visto como os passageiros não devem ficar expostos a insultos, indirectas e ameaças dos empregados da companhia.

—Breve tem de haver uma inundação.

—Gruz, ave agoureira!

—A catastrophe será parcial.

E' a cloaca da rocinha do Caboclo que ameaça a cada hora inundar as casas da la-deira dos Coqueiros.

—Que cravo!

—Si não houver alguma providencia o diluvio excrementicio é inevitavel.

Construiram uma casinhola que serve de latrina não só aos moradores do quarteirão, como a gente de fora, sem esgotadouro ou entupido este, a trampa já transbordou; a casinhola é construida junto ao muro de uma casa dos Coqueiros, está destelhada, com qualquer chuva o muro não pode resistir e abaterá.

—Ha de ser um tormento, ver-se a gente alagada em trampa.

—Já uma occasião um pedaço do muro desabou; um dos proprietarios mandou ata-

mançar um concerto; desta vez a cousa ha de ser peor; o muro está deteriorado pela humidade e qualquer chuva será bastante para arreal-o todo.

—E n'um caso destes eu não sei mesmo a quem pedir providencias.

—Quem estiver ameaçado que procure suas melhoras.

—Capitão, vi um facto praticado por um dos caixeiros da companhia de Vehiculos que eu mesmo não sei como o classifique.

—Em que dia?

—Sexta-feira.

—Conte o.

—Em um dos *bonds* que sahiram depois da missa do Senhor do Bomfim, veio uma senhora, cujo estado ignoro, e pediu ao caixeiro que queria saltar no ponto dos Coqueiros d'Agua de Meninos, porem o caixeiro chegando no ponto não quiz mandar parar, não obstante o pedido da senhora.

Quando chegou no desvio do Pilar ella metteu-se em um dos *bonds* que iam para o Bomfim, pagou nova passagem si quiz saltar em sua porta; e como ao sahir do *bond* reclamasse contra o procedimento do caixeiro para com ella, disse elle: — *quero que soffram.*

—Está bom isto!

Então, Srs. gerentes, é ponta ou cabeça?

—Jogavam á dinheiro alguns moleques em uma loja á rua Direita de Palacio, fazendo alarido insupportavel, no domingo.

Um dos ordenanças da presidencia chamou um soldado de policia para prendel-os, mas este recusou-se.

O ordenança se quiz, tomou o armamento d'aquelle e foi elle proprio effectuar a prisão.

—Si fosse negocio de dinheiro não acontecia assim.

Um dia destes para ganharem 500 rs., dous abandonaram o destacamento da secretaria da policia e foram até á ladeira da Conceição prender um homem, prisão que elles ignoravam si era legal ou não, pois lhes foi encomendada por um particular.

Entraram por casa do Sr. capitão Fernando José de Souza, de reflex empunhados, bradando para o individuo que ali se achava: — entregue se, si não morre! — agarraram o homem, arrastaram-no para a rua e pozeram-lhe a camisa em tiras.

A' tombos e empurrões o conduziram, descalço, até a porta do Sr. barão de Passé, onde pela reprovação geral que semelhante vandalismo excitava, consentiram que se calçasse e mudasse de camisa.

—O que já não foi pouco.

Cinco mil réis não são pelles; para ganhar-os é preciso agradar ao freguez, fazendo o serviço bem feito. Agora si fosse algum objecto de serviço publico isso lá... bagate!

—Haverá falta de burros na Bahia?

—Abundancia ha de sobra, o que pode dar-se é variedade na especie.

—Haja ou não haja, eu vejo agora os homens fazendo as vezes dos burros naquillo que até então era da privativa competencia destes.

—Neste seu palavreado é que eu não entro.

—E' que hontem, segunda-feira, eu vi uma caleça puchada por braços humanos, o que ia dando em mau resultado.

—Ah! a gente fallando é que se entende.

—Dous homens e um menino puchavam a traquitana pela ladeira do Tabão; mas as forças foram poucas e o bicho descambou, derribando uma preta que passava e levando adiante de si o menino, com intenção talvez de achatal-o de encontro á parede, o que teria succedido si o accaso não permittisse que o carro em seu despenhar fosse detido na ombreira de uma porta.

—Cousas que acontecem.

—Resultado do deleixo, digo eu.

—No domingo, ás 8 horas da noite, uns mascarados foram a companhia de Vehiculos em procura de conducção, e como não achassem logar nos *bonds*, porque só se vendiam bilhetes relativamente ao numero de passageiros, segundo a lotação marcada pela policia, elles despeitados por isso vieram pela Calçada deitando pedras nos trilhos, de maneira que os *bonds* levaram a sahir fóra da linha ferrea.

—Que malvadez!

—E fazem uma pilheria desta sem pensarem nas consequencias desagradaveis que d'ahi podem resultar!

—Lá se foi tudo com as carepas!

—Era mais uma desgraça a lamentar si vem gente dentro deste carro.

—Cavallos e carruagem entornaram-se dentro da valla e viraram de cambalhota.

—Mas tambem como não havia de ser assim si o boleeiro vinha n'uma desfilada espartosa?

—Quanto mais pressa mais vagar; si andasse com mais moderação não teria agora a meia noite, hoje domingo, este immenso trabalho para safar-se da valla, aqui em Roma, além do que pode ter soffrido elle, como tambem os cavallos.

A PEDIDO

Bando

annunciador dos festejos do glorioso S. Gonçalo do Bomfim, no presente anno.

Alerta moços e velhos,
Rapazes e raparigas,
Eia contentes fieri,
Entre vós nada de brigas,
Vinde ao Bomfim passear,
Novos ares respirar.

A S. Gonçalo trasei
O vosso requerimento,
Sinceridade e pudor
Seja só o documento,
E despacho favoravel
Levareis do Santo amavel.

Não recieis as tabocas,
Que vos tiverem pregado,
Com seu cajado este santo
Mil tabocas tem quebrado,
Cruéis espinhos de amores
Si tem convertido em flores.

Nestes dias eia pois
Fazei vossas orações,
A S. Gonçalo pedi
Socego nos corações,
A sorte grande vos dando,
Um esposo deparando.

Officiaes do quatorze
E da Patria voluntarios,
Por ahí andam na pesca
Nos seus passeios diarios,
Si accaso algum vos servir,
E' só a isca engolir.

A lucta do casamento
Vos occupa todo anno,
Como hoje a guerra occupa
O francez e o prussiano;
Porém lá ganha-se a morte,
E cá se lucra um consorte.

O janota namorado,
Que por todos tem paixão,
Que se presume um adonis
E vive nesta illusão,
Para ver si mulher pilha
No chapeu traga *estampilha*.

Vinde, portanto, meninas,
Ao delectoso Bomfim,
De S. Gonçalo das moças
Abrilhantar o festim,
E p'ra seguir tudo em paz
As velhas venham atraz.

Com os cabellos desgrenhados,
Que são os laços d'amor,
A feiticeira donzella,

Qual botão de linda flor,
Appareça vecejando,
Corações avassallando.

Si apresente gamenha
A velha com seu toucado;
Que ainda que seja usada,
Pode encontrar *bom bocado*,
Principalmente dinheiro
Tendo no seu mialheiro.

Para que não hajam queixas
Desta pomposa funcção,
Os rapazes que se portem
Com respeito e educação:
Que refreie a liberdade
Desenvolta mocidade.

Musica, flores, balões,
Um bello fogo de planta
Tereis por divertimento,
Que no Bomfim tudo encanta,
Vinde beber alegria
Em torrentes de harmonia.

Assim será festejado
Com toda pompa e fervor,
Aquelle que escuta e guarda
Nossos segredos de amor,
Vae ter luzido festim
S. Gonçalo do Bomfim.

—Tamanho insulto não se pode tolerar.

—Parece mais um canalha do que um
homem de educação.

—Exige um tanto de todos que entram
para visitar o edificio, e si não se dá insulta!

—A alguns que disseram não ter dinheiro
para dar elle teve o desaforo de dizer que lhe
parecia que para irem a festa do Senhor do
Bomfim tinham alugado a roupa em mão do
alfaiate.

— V. sabe o nome d'elle?

— Ignoro; mas vou ao hospital portuguez
e lá tomarei informações.

— Eu não queria me envolver nesta ques-
tão.

Foi o *Gaveta* quem me metteu nella.

Podia muito bem ter deixado de soffrer
tantos dissabores e de ouvir cousas que ha
muito ninguem se lembrava de m'as dizer.

— Mas quem o podia obrigar a aceitar?

— Pois si o homem veio á minha casa acom-
panhado do *M. R.*, pediu-me, instou e disse
que para elle era uma questão de honra, que
ligava tanta importancia a ella como a propria
honra de sua esposa.

E para acabar de decidir-me prometteu-me
que eu sahiria bem em todos os meus nego-
cios que cahissem em suas mãos.

— Assim vale a pena.

O direito, a propriedade, a liberdade alheia a que cynicas mãos estão entregues! Negociam infamemente com elles em transacções ignominiosas e de mesquinhos interesses!

— Mas já em dous casos o homem tem sido bregeiro comigo. Estou á espera da decisão de um terceiro negocio, para mim de grande interesse. Si neste elle mangar comigo, rompo abertamente e hei de lhe dizer verdades bem duras.

— Creio que por esse lado não adiantará nada. Elle está acostumado a ouvir cousas de arripiar e fazer ouvidos de mercador.

— Ao menos lhe farei sentir a sua deslealdade.

— O que eu não posso atinar é que mal fizeram os rapazes ao Sr. *Gaveta* para lhes votar tanta odiosidade.

Si ainda elles fossem dados a certo vicio em que é acerrimo o Sr. *Gaveta*, podia-se comprehender que motivos de ciumes fossem a causa de tamanha perseguição encoberta.

Pede se ao Sr. subdelegado do Pilar que procure saber si é ou não verdade que proximo ao destacamento, á noite, desembarcam objectos que são mui licitamente levados para uma casa onde ha uma *bezerra* no quintal.

— Aquelles que ouviram os sermões pregados no domingo, á noite, 8 do corrente, no Hospicio da Boa-viagem, e o de domingo subsequente, 15 do corrente, na segunda novena da Senhora da Guia, no Bomfim, por certo outra differença não encararam sião a mudança de titulo.

Ali referiu-se a Senhora da Boa-viagem, aqui a Senhora da Guia.

O ultimo foi portanto a reprodução do primeiro.

— Assim é tudo, os proprios sermões servem de *patrocinio* uns aos outros!

— O Dr. *Garapa* entende que o matadouro de porcos da travessa da rua do Soccorro, freguezia de Brotas, não é pernicioso.

— O Dr. *Garapa* que vá capar porcos.

Não só é pernicioso como illegal.

Só se pode matar porcos nos campos da Lapinha, Nazareth e de S. Pedro, segundo as posturas municipaes que a tal respeito são clarissimas, como vae ver:

• 99.— Fica prohibido criarem-se porcos soltos ou enchiqueirados dentro da cidade e povoação, e só é permittido tel-os enchiqueirados a um quarto de legua do povoado: pena de 40 rs. ou 3 dias de prisão, o dobro nas reincidencias.

• 100.— Permite-se aos criadores de por-

cos venderem os que trouxerem para o mercado publico, nos campos da Lapinha, Nazareth e de S. Pedro: nos mesmos logares serão mortos e pellados as animaes. Os infractores desta postura serão multados em 40 rs. ou 2 dias de prisão, o dobro nas reincidencias.»

ANNUNCIOS.

Associação Typographica Bahiana.

A Mesa provisoria desta associação convi-da a todos os Srs. typographos, livreiros e ly-tographos a reunirem-se quinta-feira 26 do corrente ás 6 horas da tarde, no salão do col-legio Tres de Fevereiro, ao becco do Açou-guinho, afim de assistirem a ultima leitura do projecto de estatutos.

E' de maxima necessidade o compareci-mento de todos, para se assentar tambem nas medidas precisas para com a maior brevida-de inaugurar-se a associação. Bahia 23 de ja-neiro de 1871.—O 1.º secretario, *Joaquim Cassiano Hyppolito*.

Monte-Pio dos Artifices.

De ordem do conselho administrativo con-vido aos Srs. socios a reunirem-se em assem-bléa geral ordinaria, quarta-feira 25 do cor-rente ás 6 horas da tarde, para a posse dos novos funcionarios e discussão do relatorio do 4.º trimestre e do respectivo parecer da commissão de contas. Bahia 23 de janeiro de 1871.—O 1.º secretario, *Joaquim Cassiano Hyppolito*.

Attenção.

Joaquim Pereira Baião, participa ao publi-co, com especialidade aos seus freguezes e amigos, que mudou a sua casa de armador para o passo de S. Bento n. 49 aonde pode ser procurado a qualquer hora do dia e noite; tem cadeiras de Anjos por preço commodo.

Gratifica-se com 10\$ rs. a quem levar a rua do Alvo, n. 38, um cachorrinho branco, felpudo, desaparecido na yespera de Reis, com os signaes seguintes: cabellos crescidos e annelados, cauda tambem felpuda e envos-cada para o lado esquerdo, com os quatro pés e focinho aparados, tendo foveira a cavidade do olho direito, sendo este um pouco mais apertado que o esquerdo, a ponta do focinho vermelha, acudindo pelo nome de Traquino.

Ama de cosinha.

No sobrado ao largo do Terreiro, defronte da loja do Sr. Seraphim, precisa-se de uma que saiba cosinhar, e gomar bem.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 75.^a

SABBADO 28 DE JANEIRO.

Ns. 745—746.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 47.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 3\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Os Srs. assignantes das frequencias da Rua do Paço e Santo Antonio que não receberem esta folha pontualmente queiram mandar communicar na typographia para se providenciar.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*,
27 de janeiro de 1871.

Não houve expediente.

—Festejar-se-ha no domingo com toda solemnidade ao glorioso S. Gonçalo do Bomfim.

Hoje haverá vespéras, illuminação, fogo de artifício, balões, etc., e tocarão no palanque duas bandas de musica marciaes.

Amanhan terminará o acto religioso com um solemne *Te-Deum*, no qual pregará o Revm. monge benedictino, pregador imperial, Fr. Francisco da Natividade Carneiro da Cunha, e festejos exteriores um surprehendente fogo de artifício, balões, musicas, etc., etc.

—Fico inteirado; irei assistir a festança para dar minuciosa noticia de todo o occorrido.

—Dizem que havia na Correção uma infeliz mulher, escrava, a qual de lá foi tirada por seu senhor, sob fiança.

Mas tal escrava desapareceu e ninguem sabe aonde pára.

Não consta que fosse vendida.

—Quem pode asseverar que, degradada em algum sinistro ermo, não esteja sendo victima de cruéis torturas, attentas certas circumstancias que se prendem a seu desgraçado captiveiro?

—Pode ser e pode não ser.

—Pode até a esta hora estar já no *paraiso* gozando a bemaventurança dos martyres.

—Ave *Maria* que tal aconteça nesta terra. E' uma que *encalistra* a policia.

—Casos mais extraordinarios tem-se dado.

Portanto seria obra de humanidade pedir a policia que procurasse saber o destino que teve essa mulher.

—O dia 2 de fevereiro é marcado nas folhinhas como dia aziago, em que não se deve tratar negocio.

—E V. crê nessa bugiaria?

—Quero que me responda primeiro:

As folhinhas são organisadas e publicadas sob approvação ou pelo menos com assenso das authoridades ecclesiasticas, não?

—Deve ser assim.

—As quaes não devem consentir que ellas encerrem contrariedade a doutrina religiosa, nem incoherencia naquillo que a egreja tem adoptado.

—Que duvida.

—Mas o dia 2 de fevereiro é consagrado pela egreja á celebração da Purificação da Virgem Santissima e ao mesmo tempo é declarado como dia aziago!.....

—Negocios de padres.

—Como conceber-se que, o dia em que a egreja, trajando galas, commemora o facto prodigioso de ser declarada isempta de toda culpa Aquella que, tinha de ser Mãe do Redemptor do Mundo, seja tido como um dia fatal, de mau agouro e adversidades, quando pelo contrario os fieis só devem esperar nelle ineffaveis graças e indulgencias d'Aquella que é Rainha dos ceus e da terra?

—Vá pedir a *Chronica Religiosa* que lhe explique esta embrulhada.

—Cousas tão mal arrançadas!

—O Exm. prelado por credito de sua illustração devia mandar riscar do kalendario de sua diocese essa chamada tabella dos dias propicios e aziagos.

—Uma pomba de mais arrebatada por um abutre.

Mais uma incauta, presa ao laço infame da seducción.

—E' caso novo?

—De poucos dias. A joven Lydia, menina

que pode ter 13 annos, foi seduzida e raptada em uma noite da semana passada.

—Quem foi o vampiro da virgindade?

—A cousa está de uma maneira que não se pode bem affirmar.

Dizem os falladores que a seduzida achase armazenada no cubiculo de um escravo, quasi fronteiro a propria casa materna, no becco da Ordem Terceira, e que é ali que o lubrico vae cevar seus brutaes appetites.

—Isto já é bastante para a policia, si se quizer pôr alerta.

—Na quarta-feira (25) tomou posse o novo conselho administrativo da sociedade *Monte Pio dos Artífices*, ficando assim organizado:

Presidente—Aristides Ricardo de Santa Anna.

Vice-presidente—Joaquim Cassiano Hypolito.

1.º secretario—Miguel dos Anjos d'Almeida Villarouca.

2.º dito—João Evangelista d'Araujo.

Thesoureiro—José Duarte dos Santos Bahia.

Recebedor—Eustaquio Fernandes Vieira Guimarães.

Archivista—Manuel Ignacio Ladesma.

Visitador—Joaquim de Carvalho Lima.

Idem—Lucio Casimiro da Fonseca.

—Capitão, V. Ex. assistiu a deitada da bandeira de S. Gonçalo, no domingo da Guia?

—Ora deixe-me, aquillo assemelha-se a um bacchanal, a uma completa orgia.

Não era minha mulher, irman ou filhá que eu consentia sahír formando aquelle rancho.

—Eu tambem digo a mesma cousa.

—Apresentam-se ali certos rapazes que, sem o menor respeito ás senhoras e ignorando inteiramente o seu estado, poem-se a puchar-lhes os vestidos, a apagar as velas que as mesmas levam, e outras patifarias proprias mais de homens estupidos do qué de rapazes educados.

—Mas o que se ha de fazer neste caso?

—E' acabar com esta funçonata de deitamento de pau de S. Gonçalo, que é uma verdadeira palhaçada.

—Como vão as cousas nesta terra!

—Da melhor forma possível.

—Tambem V. nada vê!

Rouba-se, espanca-se, fere-se, entra-se pela casa alheia e V. acha isso muito natural!

—Todas essas cousas já são acostumadas a succeder.

—O portuguez Luiz, com venda ás Pitanqueiras, é atacado em sua propria casa por sete individuos e espancado atrozmente.

—De dia ou de noite?

—De noite.

—E' a hora dos perversos. A luz do sol é util a todos, as trevas da noite são uteis aos malvados.

E o Sr. Luiz si receia nova remessa, que a de mais acautelado; é o geito que lhe vejo.

—Por qualquer dá cá aquella palha, soffre-se uma multa na estrada de ferro!

—Mas para a commodidade dos passageiros não se olha,

—E' bom que V. saiba.

—Os carros não tem lotação determinada e os passageiros viajam atravancados como sardinhas em tijella; aguenta-se um calor de abafar; quem tem uma necessidade corporal ha de soffrel-a por seis longas horas de viagem, porque não ha um logar apropriado para satisfazel-a e o trem demorando-se nas estações o curto espaço de tres e cinco minutos não dá tempo para isso.

—Já vi um homem perder a viagem; não podendo supportar a dor que soffria de urinar, desceu para alliviar essa precisão, mas dado o signal, o trem partiu deixando-o fora.

—Ainda um homem pode supportar taes privações; mas para uma senhora deve ser extremamente penivel uma viagem nestas condições.

—E' de urgente necesssidade que a companhia estabeleça nos seus trens um logar adequado onde se possa satisfazer essas indeclinaveis precisões da vida.

—Ha uma outra cousa tambem notavel.

Como nos carros de terceira classe ha maior affluencia, a companhia limita o numero dos mesmos, e deita maior quantidade dos de segunda classe, como que querendo obrigar os passageiros a embarcarem-se nestes por serem de preço mais elevado.

—Meu charo,

A sciencia desta vida

Está no saber viver.

Quem é tolo para si peça a Deus que o mate e ao diabo que o leve.

—Mas a companhia não deve olhar só para o seu interesse, deve attender tambem para as necessidades e commodidades publicas.

—Os vales das companhias de carros gyram hoje na circulação como si fossem moeda legal.

—O governo é quem authorisa o curso dos mesmos, consentindo que gyrem nas repartições publicas.

—E' exacto; outro dia fui ao correio pagar porte de cartas e jornaes e deram-me em troco vales dos Trilhos Urbanos.

Creio que assim como aquella repartição se julgou authorisada a me impingir pedacinhos de papelão como dinheiro, tambem eu estou no meu direito de firmal-os com minha lettra e dal os quando tiver de lá ir outra vez pagar o porte de qualquer papel.

—Nesta terra onde se diz que a lei para todos é igual, creio que tem toda razão.

—Entendo até que, qualquer empresa ou fabrica particular está no caso de emittil-os desde que o governo authorisa a circulação dos valles de duas empresas de carros consentindo que, com elles se façam transacções nas estações publicas.

—Neste andar quem dirá que a thesouraria amanhan quando tiver de pagar uma fracção não faça com os *vales de uma sópa*?

—Pessoas ha que não presam a existencia que o Creador lhe concedeu.

—E' grave crime contra a lei da criação arriscar a vida imprudentemente.

—Ha sinistros que resultam puramente do accaso; estes a previdencia humana não os pode evitar; mas o individuo conhecendo o o perigo e se expor a elle, é attentar contra a propria existencia.

—Quem procura trabalho é trabalhador.

—Todos os dias os casos desagradaveis estão acontecendo nos trilhos de ferro, devidos a temeridade, precipitação e pouco cuidado; nem por isso esses casos fataes servem de advertencia aos imprudentes.

—São gentes que não tem miolos.

—Na terça-feira um sujeito sentou-se por tal forma sobre o varão da plata-forma de um dos *bonds*, que ao fazer este a volta da baixa do Bomfim para a estrada do Travassos foi ao chão sem sentidos, consequencia de enorme brecha que fez na cabeça.

—Este só tem a queixar-se de si mesmo.

—Este anno deitou-se a bandeira de S. Gonçalo sem benzer-se.

—A razão disso?

—Foi porque o capellão do Bomfim não se quiz prestar, e nem o padre Gregorio que lá se achava.

—Para elles negarem-se deviam dar alguma desculpa.

—Disseram que não era de suas attribuições.

—Eu como de attribuições de egreja pouco ou nada entendo, elles que por lá se hajam.

—Capitão, a lei desta terra é uma pobre invalida que em cada asylo a que se recolhe recebe novo aleijão; o direito individual está habituado á toda sorte de infidelidades e tormentos.

—Nem com tanta fome á caixa; nem com tanta sede ao pote.

—Quer um lacto?

—Não será mau.

—Pois escute esta clamorosa injustiça.

Agostinho Pio de Jesus, é um rapaz de 16 annos, filho unico, morador na freguezia de Pirajá, isto é, morava lá, agora sua morada é a bordo da corveta. Vivia do trabalho da lavoura, com o qual sustentava a seu pae paralytico José Marinho Ribeiro e sua mãe Anna Maria de Jesus.

O subdelegado entendeu que devia recrutar-o e o rapaz, foi remettido para bordo.

O inspector do quartelão competente atesta que é excellente filho, de conducta moderada e indole pacifica, e os moradores do logar, em um nós abaixo assignados affirmam a mesma cousa.

Seu pae, assim mesmo paralytico, arrastando-se pelas ruas, veio em pessoa requerer a soltura do filho, julgando que seu estado commoveria compaixão; o governo, porem, deu-lhe com um solemne — não tem logar.

—E' preciso que haja grande prevenção contra esse individuo.

—Deve haver de sobra, porque segundo me dizem, com a remessa de Agostinho para a marinha, foram mandadas metter na cadeia sua mãe e uma irman casada, ficando o mesmo assim privado de ter quem por elle reclamasse seu direito, á não ser o pae inutilizado, o qual viu-se na contingencia de vir arrastando a bunda pelo chão até as portas de palacio para ahi receber um indeferido.

—Não ha effeito sem causa; eu não posso crer que sem um motivo qualquer se pratique tanta violencia.

—O motivo que serviu de pretexto foi, diz o pae, uma simples desavença com uma familia da visinhança, porem essa não foi incommodada, ao passo que a de Agostinho soffreu toda essa perseguição.

—O facto de Agostinho ser filho unico e sustentar seu pae decrepito, é prova demais a seu respeito; comtudo eu ponho sua noticia em reserva até colher novas informações.

—Moda nova, capitão.

—Qual é ella?

—Os soldados de policia quando querem mostrar valentia arrastam o espadagão nas pedras para tirar fogo.

—Isso é quando estão no *pião*.

—Não lhe pareça.

Na quarta-feira á noite um, que dizem estava de patrulha, entrou para beber na venda ao largo de Santo Antonio da Mouraria e ahi fez barulho por dez; não houve quem o

aguentasse, deu pancada, atracou-se com o inspector de quartelão, desobedeceu ao sub delegado, e quatro soldados não o puderam conter.

—Estava esquentado de mais!

—Eu não sei si é da lei militar; mas fiquei surprehendido vendo um barulho no qual havia um ajuntamento que pode bem se calcular de 400 pessoas, e a guarda da Correção defronte sem se mover!

● nariz.

Não se assustem, meus senhores, que vamos fallar em geral. Trataremos de todos os narizes de todos os tamanhos e de todas as qualidades.

Quem se envergonhar por ter o nariz muito grande, pode escondel-o onde mais lhe convier, ou no buraco mais proximo que encontrar.

Mas vamos ao nariz que é o que importa.

Havemos tambem de fallar a respeito dos olhos, como uma importante parte da formosura humana; mas, apesar de morar o nariz debaixo dos olhos, não o julgamos inferior; nem em valor, nem em utilidade.

O nariz é o remate da obra da cara; é a chaminé da respiração; é o saca-rolha dos aromas... é o avaliador geral dos bons bocados; é o areometro perfeito com que graduamos a perfeição dos immensos e differentes cheiros da natureza. D'onde se pode concluir que, o nariz concorre muito para os regalos da vida.

O nariz é muitas vezes causa de uma grande paixão amorosa, quando, por exemplo, passa por junto delle uma dengosa e faceira donzella, esbelta e corada, vestida de seda e cheirando a essencia de rozas, ou uma amavel creoula rescendendo um cheirinho...

Ahi temos o nariz transformado em unha de gavião, querendo agarrar e devorar...

Outras vezes o nariz é um formidavel patife quando sente ao longe um cheiro de comidas gostozas; combina se com a fome e vão ambos dar uma assaltada para fazer ladroeira...

Outras vezes o nariz equivale a um bom chefe de policia, porque encostando-se a uma fresta ou canto qualquer descobre certos cheiros e cantigas, que dão indicios até de crimes horrorosos.

Ora, já á vista disto podem considerar os senhores leitores que o nariz é um traste de grande valor, e por conseguinte quem o tiver não ó ande estragando em mans logares, por que tambem depois de perdido não admitte reforma nem remendos; excepção feita do nosso amigo Eduardo que arranjou um de tartaruga para supprir a falta do natural.

Vamos agora quanto a belleza do nariz. É indisivel a variedade que Deus empregou na formação dos narizes; de sorte que achando-se um homem em qualquer reunião, em cada cara que olha vê um nariz differente. Vê narizes monstruosos que parecem trombas de elephante; vê outros agudos e compridos como bicos de passaros; outros arqueados á laia dos antigos chapéus armados (estes em geral são os narizes dos malucos); vê outros pequeninos conchegados ao rosto e com a pontinha arrebitada (estes são diabolicos, indicam soberba nos homens, e nas mulheres vaidade e tolice); vê outros narizes papudos e escarrapachados, com figura de cajú (estes são os narizes dos preguiçosos); vê outros narizes redondinhos de ventas estufadas, indicando altivez de genio. Finalmente seria um *sine fine* si fossemos a contar os moldes dos narizes, para porém evitarmos duvidas aos nossos leitores, que para fazerem um juizo acertado encostem as mãos direitas á suas caras e apalpem o primeiro nariz que encontrarem, que assim se convencerão da verdade.

Não nos esqueçamos de uma grande utilidade do nariz, explicando-nos no pensamento os diversos effeitos ou sensações que causam os cheiros de certas flores.

O jasmim, que bem se pode intitular o cheiro da innocencia, tomado de manhan cedo infunde no coração bem formado os sentimentos de ternura, de agrado, de alegria e de consolação. O dia em que a gente cheira jasmim de manhan cedo, passa contente.

A rosa tem cheiro libidinoso, é irritante das entranhas amatorias, e por esse motivo um antigo bispo prohibiu que se plantassem roseiras nos conventos de freiras: o cheiro da rosa tomado ás escuras tem a força de azougue vivo, corre por todos os escaninhos do coração, bole com os nervos e faz a pessoa dar pinotes com uma sede terrivel.

O cheiro da angelica é o cheiro da virtude; não foi de balde que lhe deram este lindo nome, e talvez por isso é usada na vara de S. José. Uma vara de angelicas dobradas quando está viçosa parece bem uma donzella alva, toda vestida de setim branco.

O cravo (de todos o melhor é o cravo branco) é o emblema da sympathia; o seu cheiro desperta idéas de união conjugal, é sobre todas as flores a mais propria e elegante para o peito de uma senhora bem vestida.

Um cravo branco collocado entre as tranças de um cabello preto e bem liso, tem o mesmo poder que um punhal agudo nos olhos de um amador, e paramos aqui para não ser este artigo tão extenso, deixando para outro numero as reflexões sobre os cheiros silvestres e ou-

tras muitas qualidades de que ainda não falamos.

A PEDIDO

Discurso

pronunciado pelo relator da commissão de felicitação da sociedade Amparo dos Desvalidos no anniversario da sociedade Monte-Pio dos Artifices.

Senhores.—A sociedade Amparo dos Desvalidos faltaria ao maior de seus deveres e a todas as regras de cortezia, si deixasse de tomar parte no vosso anniversario; muito principalmente tendo recebido o vosso honroso convite: por tal civilidade vos será eternamente grata.

As nações, ennobrecidas de prazer, adoram a aurora do dia em que lhe proporcionou o meio de salvar sua chara patria da oppressão de algum tyranno.

O guerreiro solemnisa com ardente jubilo os dias de suas passadas victorias.

O naufrago que lutan lo com as encapelladas ondas, exaustado de forças, congelado seus membros, perdendo seu corpo toda acção e equilibrio, sem que possa jamais apalpar a pequena taboa sobre a qual momentos antes se sustentava e era a sua unica esperanza de vida, reduzido assim a desesperação e a morte, beija as plantas d'aquelle que se compadecendo de sua afflicção o tomou pelos cabellos e o arremessou sobre o duro convez do seu baixel e o salvou, restituindo-lhe a existencia que se lhe augurava perdida.

Com maior razão, senhores, deveis consagrar o dia que surgiu para nós, pobres artistas; porque parece que só para nós se fizeram todas as privações desta vida; e é, por sem duvida, um dia, torno a dizel-o, de gratas recordações, o em que um feliz accaso nos fez encontrar o salutar remedio para nossa indigencia!

Ah! quão bellas e uteis são estas instituições, em que o homem segura com pouco quantitativo o resultado de seu trabalho e economias, o seu bom ou mau futuro!...

Ah! quão feliz e venturoso não é o homem que pode reunir em torno de si outros que pensassem ou adoptassem a sublimidade de seu pensamento e unisonos trabalhassem para a prosperidade do seu desejado fim!...

Suspendo aqui os meus rudes pensamentos, a vossa intelligencia fará inteira justiça ás minhas humildes, porem sinceras palavras, pois são nascidas de um coração convicto de que foram, são e serão sempre de grande utilidade para os artistas estabelecimentos desta

ordem; e por tal convicção se não pode preencher, em felicitar-vos n'esse magno dia em que celebraes com a maior pompa e gala o anniversario de vossa installação, ao menos, recebei os devidos emboras da sociedade Amparo dos Desvalidos, que por forma alguma poderia mostrar-se estranha ao vosso vantajoso porvir.

Continuae, senhores, na brilhante carreira dos vossos mais puros e santos desejos, correi á porfia de vossas crenças que tudo alcançareis e todas as difficuldades vencereis; só vos lembro que não tomeis por thermometro da vossa felicidade as paixões desordenadas e prevaricadoras que por todo orbe se acham espalhadas, no recinto mesmo de tão uteis estabelecimentos, onde deveria reinar a boa fé, san razão e honestidade, ellas apparecem envenenando o que ha de virtuoso e bom.

Sim, senhores, desprezae essas objecções e só vos sirvam de norte as palavras do Divino Mestre, quando nos recommendou que para vivermos bem neste mundo e servirmos a Deus, era necessario que amassemos uns aos outros, assim como Elle nos amou.

Bahia 8 de janeiro de 1871.

Severiano Pedro da Silva.

Xuneto.

Munina! p'ra amostrar-te o meu amor,
Este varril de paos te off'reço:
Xão bons, xão exellentes, xão de preço,
Provando has de lhe achar muito savori!

Nom tiem carne de giente, minha flori,
Por ixo quiero que lhe des aprieço
E se acaso, meu vem, inda mereço
Peço-te um teu veijinho com ardori!

Quero ter uma dita n'esta vida.
Gozar nos vracos teus feliz bentura
E chamar-te do pieito minha q'rida!

E's as minhas candongas, a fetura
Xinhora d'esta bienda vem surtida!
Que probas mais tu quieres de ternura?!
Luiz da Bienda.

—Capitão, chegou o vapor do Rio no dia 25?

—Que eu saiba, não; porque pergunta?

—Porque o *Emulação* tendo recebido o titulo de Dr. Garapa quer fazer d'elle presente a um seu amigo o qual agradeceu a honra reenviando-lhe o titulo.

—Pois o *Emulação* que colloque no portão de seu Castello a rua do Socorro por baixo do que existe dizendo: *Emulação do Dr. Garapa.*

O Reconhecido.

«—Hontem appareceu-me a mulher do J. com os filhinhos.

«Estava eu, o A. e o medico das almas.

«Ajoelhou se á meus pés banhada em pranto, implorando o perdão do marido; fiquei commovido..... os olhos arrazaram-se-me d'agoa.

«—E Vm. porque não perdôa a esse desgraçado, Sr. M.?

«Nelle nenhuma vingança tira Vm., visto que não passa de um instrumento mercenario da paixão de outros.

«Si Vm., como diz, commoveu-se tanto vendo a mulher prostrada a seus pés, o que o impede de perdoar?

«—Não posso, meu amigo, não posso; é preciso desaggravar a minha honra. E depois eu não obro só por mim.

«Olhe, ainda um dia destes entrei na caixa que não é prodiga, e encontrei lá o juiz, que disse-me:

«Ora bem, nós fizemos nosso dever, agora Vm. quando for d'aqui á dous dias, que o testa de ferro for lhe pedir, vá perdoar.....

«Mas, si tal fizer, nunca mais conte comigo, emquanto eu me sentar na cadeira de magis-trado.»

—Vejam todos em que mãos anda mettida a justiça em Latronopolis.....

E' o juiz convertendo-se em cego instrumento de rancores e vinganças.

E' o sacerdote da lei prostituindo-a impudentemente para cevar odiosidades.

E' o magistrado que fazendo-se cúmplice de odiosidades, depois de dar uma sentença iniqua, ainda vae fazer advertencias a parte beneficiada.

E' ainda o magistrado que deixa o lugar de julgador recto e imparcial para patentear interesse por uma causa, cuja parte abusa leviamente de sua prevaricadora parcialidade e conta por toda parte, como triumpho, a dobrez e flexibilidade d'aquelle que depois de immolar a justiça e o direito, tem a fraqueza e insensatez de fazer-lhe insinuações.

E não é a um, a dous, nem a tres que elle tem contado essa façanha.

Muita gente tem lhe ouvido cahir dos labios tripudiando da perversa alegria, essa prova authentica do aviltamento da justiça.

Ao menos aquelles que tem ouvido de bocca propria tamanho exemplo de corrupção e venalidade, poderão dizer si alguém deve contar com o direito e a liberdade em Latronopolis, onde a justiça é entregue a mãos tão polluidas.

Sr. redactor.—E' bem censuravel o procedimento da direcção de um baile pastoril ao

becco do Tira-Chapeu. Hoje os bailes pastoraes são um meio de vida, um negocio. Desde que os bilhetes são vendidos sem excepção, adquirem esses bailes o character de espectáculo publico e portanto não ha escolha; o que se exige é que o espectador se conserve nos limites traçados pela decencia.

Para o baile da noite de 21, a direcção vendeu bilhetes sem procurar saber si os vendia a pessoas livres ou a escravas, e depois, na hora do espectáculo pretendeu despedir a um individuo á pretexto de que era escravo!

Esta é uma mesmo de tirar chapeu!

Si ha exclusivismo não vendam os bilhetes a quem primeiro appareça, sem indagar a sua condição, pois na turba-multa não é possível distinguir quem é escravo ou livre, a menos que cada um não leve a sua certidão de baptismo para apresental-a; ou então publiquem um regulamento para sciencia dos que lá tiverem de ir.

—O Sr. Joaquim Gularte publicou no Diario um appello a seus companheiros escriptores de paz.

Mas ou eu não comprehendi o que li, ou o Sr. Gularte enganou-se no que escreveu.

O homem quer que se adopte aquillo mesmo que, no seu entender, traz graves prejuizos aos interessados.

Quer estabelecer uma regra fixa na formula de organizar os processos, o que, diz elle, não se tem podido até hoje conseguir, devido a *invariabilidade* seguida em todos os juizos de paz.

Ora, aqui é o caso de dizer-se que tanto faz dar na cabeça como na cabeça lhe dar.

—Eu creio que o Sr. Gularte quiz dizer outra cousa e atrapalhou-se.

VARIÉDADES.

Uma ladainha modesta.

A senhora Eufrosia Espirituosa do Amor Divino é uma santa mulher que vive das reminiscencias do passado para se entregar em corpo e alma ás santidades do futuro!

Conta-hoje os seus sessenta e quatro janheiros, e apezar d'isso inda pede ao Deus immaculado para lhe dar um 6.º companheiro, que a ampare quando fôr velha.

Todos os dias reza, pelo menos, vinte corôas a todos os santos da corte do ceu, e por alma dos seus cinco companheiros que já se foram e fizeram as delicias de sua vida passada.

Mora em uma das pequenas casas da rua do Cabeça, junto com outra senhora Eufe-

mia Pulcheria do Coração de Maria, alma candida como a luz matinal purificada pelo fumo dos thuribulos exparsos nos templos catholicos.

Companheiras inseparaveis, não perdem novena, ladainha ou sermão.

Usam ambas de raminho de arruda atraz da orelha molhado em agua benta, quando sahem de casa, para se livrarem das tentações do *Brazabú*.

Cantam perfeitamente a ladainha, e todos os responsos dos santos conhecidos; são por isso auxiliares poderosas dos cantores sacros.

Tem em casa um lindo oratorio com varios santos de barro, mas o seu devoto predilecto é S. Gonçalo d'Amarante, porque dizem ser casamenteiro das velhas, e ellas muito amantes do proximo querem que todas as mulheres se casem para a propagação do genero humano e colonisação do Brazil.

Vamos, com o leitor, assitir a uma ladainha em honra de S. Gonçalo d'Amarante.

O oratorio está illuminado com 16 velas de cera, tão pequeninas, que todas ellas não fazem uma libra: serve-lhe de sobre-cen uma colcha de chita que foi do primeiro companheiro da senhora Eufrazia; ornam os lados do oratorio pedaços de damasco de côr duvidosa, mas que parecem que foram outr'ora encarnados; flôres em jarras e garrafas embalsamam com seus odôres o ar que ali se respira.

São 8 horas da noite, vem chegando o povo. São tres creoulos, alvos como jacarandá, vestidos decentemente; entram, complimentam a todos com voz affavel, mas com orgulhosos ademanes como comprehendendo que o seu mister ali é superior ao das outras pessoas.

Collocam os chapéus em cima de uma mesa e ajoelham-se em frente ao oratorio, e a este exemplo todas as pessoas que se acham na sala fazem o mesmo.

Principia a cerimonia pelo *signal da santa Cruz*, resado em voz alta, findo o qual, o cantor que está no meio solta a diapasão da sua voz solemne e canta em estylo selecto:

S. Gonçalo d'Amarante,
Casamenteiro das velhas,
Porque não casam as moças
Que mal vos fizeram ellas?

Côro.

Ai! casa nós todas,
O' S. Gonçalinho!
Faz esse milagre
S'és tão bonitinho!

Cantor.

Casam as velhas somente,
Deixam as moças p'r'o canto:

Ser parcial n'este caso
Não mostra razão de santo!

Côro.

Ai! casa nós todas, etc.

Cantor.

Advoga a nossa causa,
A's moças casa também;
Por cada um casamento
Terás d'esmola um vintem!

Côro.

Ai! casa nós todas, etc.

Não me recordo das outras letras, o caso é que este responso dura seguramente meia hora, e findo elle, principia a ladainha.

Os tres cantores, com voz de baixo profundo, entoam o — *Cristel eleição*.

Não reproduzo toda a ladainha para não enfastiar os meus leitores, o certo é porém, que depois do *cristel* vem o *fede leisarca, viva o pé de cana, matae o Christo, etc.*, e a tudo isto respondem os ouvintes seguindo a ordem estabelecida na reza.

As variantes d'este côro são dignas de serem apreciadas. D'aqui surge uma voz, á guiza de sapo: *Ora pro nobis!* d'ali, a tia Engracia, abrindo extraordinariamente a bocca, despida de dentes, sorve tamanha quantidade de ar, que todos teem acabado e ella ainda continúa: *nobis!*.....

No fundo, uma voz afeminada e aguda sobressahc a todas as outras. O que, porem, se torna notavel, é um preto, cujos cabellos alvejam ao longo da testa, deixando no cimo da cabeça apparecer a mais decente e formidavel calva que faria inveja ao mais rubido dos cardeaes de Roma. A sua voz possante e já tremula atordoa os ouvidos de todos os circumstantes; semelha o ronco do trovão.

Finda a ladainha, o cantor do meio abaixa a cabeça sobre o peito e, como em profundo recolhimento, pronuncia o *Oremos*, em meia voz, e pouco mais ou menos neste dialecto:

Gratia tua quasumus, Dominé, mentibus nostris infunde uqui Anjelo notirante Christi fili tui incarnationem cognovimus per passionem ejus. Crucem ade resurrequetionis glorim perdeu camur, Per undem Christium dominum gostroum.

Respondem *Amem!*.....

Findo isto todos se levantam contentes.

Lá dentro, em cima de uma meza encebada, estão dispostas chicaras, tigelas, uma chaleira com café e algumas garrafas com cachaça. Para este logar se encaminham os circumstantes.

As senhoras Eufrazia e Eufemia servem primeiro do liquido das garrafas aos tres cantores que saboreiam o elexir da cana, como o

confortativo mais saboroso do mundo, servem depois o café a todas as mais pessoas.

Assim termina uma ladainha modesta, si depois d'ella não vem o incomparavel sambá, o que as vezes acontece; e aquelles de meus leitores que ainda não assistiram a uma função tão edificante, eu os convido a ir á casa da senhora D. Eufrasia, todos os sabados, que hão de vir de lá satisfeitos principalmente do saboroso café e da amabilidade da dona da casa, a qual tem taes attractivos, que sera difficil qualquer homem resistir a seus encantos sem calir na..... risada!

Pantaleão Repolho.

Em uma Sexta-feira Santa, Bocage atravessava as ruas de Lisboa com passo mal seguro e descrevendo zigs-zags; um amigo encontrando-o n'este bello estado disse-lhe:

—Não te envergonhas de um dia como o de hoje andares ebrio a ponto de cambaleares pelas ruas?

—Que queres?... respondeu Bocage encostando-se ao humbral d'uma porta para se equilibrar, quando a Divindade succumbe, não é para admirar que a humanidade cambalêe!

Uma formosa dama dizia ao general X.:

—Como, depois de tanta gloria, procuraes ainda maior porção della?

—Ah! senhora, disse elle, porque razão sendo vós tão bella, ainda deitaes carmim?

Um sugeito possuia um pequeno grypho, quando appareceu o imposto sobre a raça canina.

—Conserval-o-heis vós? perguntaram-lhe.

—Oh!... este pobre animal, respondeu elle todo sensibilizado, em vez de me desfazer delle preferia privar-me do sustento... de minha mulher.

Um sugeito tinha dous creados, que se matavam a trabalhar para não fazerem cousa alguma. Uma manhan estando para levantar-se, chamou:

—Pedro, estás ahi?

—Sim, senhor.

—Que fazes?

—Nada, senhor.

—E tu, João, tambem ahi estás?

—Tambem sim senhor.

—E que estás fazendo?

—Estou ajudando o Pedro.

—Pois bem, quando acabares, vem dar-me as botas.

Um lavrador, tendo de fazer um memorial a um dos Infantes de Portugal, e vendo-se

embaraçado no tractamento que lhe dever dar, dirigiu-se ao vigario da freguezia que aconselhou para finalizar o memorial d'esta fórma: — « e humildemente beijo as mãos de Vossa Infanteria!! »

Sustentava um orador diante de numerosa assemblea, que a arte não podia adornar a natureza.

Um dos ouvintes, já enfastiado, fez com que o auditorio se risse a bandeiras despregadas, exclamando para o orador:

—E que parecia você sem cabelleira?!

—Capitão, venho lhe pedir uma errata.

—Já não ha mais logar para isso.

—No ultimo logar, no logar mesmo dos annuncios.

—Diga lá.

No artigo que começa: — *A missão da imprensa, etc.*, no logar onde diz: « Fique pois sabendo o Sr. Leoncio que ameaças de facadas e cabeçadas não amedronta, nem nos faz recuar etc. » lêa-se: — não amedrontam, nem nos fazem recuar do caminho que trilhamos.

ANNUNCIOS.

Gratifica-se com 10\$ rs. a quem levar a rua do Alvo, n. 38, um cachorrinho branco felpudo, desapparecido na vespera de Reis e com os signaes seguintes: cabellos crescidos e annelados, cauda tambem felpuda e enroscada para o lado esquerdo, com os quatro pés e focinho aparados, tendo foveira a cavidade do olho direito, sendo este um pouco mais t apertado que o esquerdo, a ponta do focinho t vermelha, acudindo pelo nome de Traquino. c

Ama de cosinha.

No sobrado ao largo do Terreiro, defronte da loja do Sr. Seraphim, precisa-se de uma que saiba cosinhar, e gomar bem.

Aula Primaria.

O professor Candido Ricardo de Sant'Anna declara aos Srs. paes de familia, que a sua aula de primeiras letras, defronte da matriz de S. Pedro, acha-se aberta desde o dia 9 de corrente mez.

Bahia 11 de janeiro de 1871.

Atenção.

Joaquim Pereira Baião, participa ao publico, com especialidade aos seus freguezes e amigos, que mudou a sua casa de armador para o passo de S. Bento n. 49 aonde pode ser procurado a qualquer hora do dia e noite sem cadeiras de Anjos por preço commode